

Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário

FLORESTAS DO MUNDO

Organização:

Luis Felipe Cesar e Isabel de Andrade Pinto

APRESENTAÇÃO

As florestas e a Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário

O Caderno de Propostas Florestas do Mundo foi elaborado a partir de contribuições dos participantes do fórum eletrônico realizado no período de fevereiro a outubro de 2001. O ponto de partida foi a Carta dos Aliados da Floresta e Gente da Terra, escrita no encontro de Bertioga, São Paulo, Brasil, em dezembro de 1997, atividade realizada no marco da Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário.

Seria muito difícil conceber uma aliança por um mundo responsável, plural e solidário sem o tema florestal. A própria arquitetura da floresta inspira o trabalho em aliança. A floresta tem como uma de suas mais marcantes características a explícita e estreita relação entre todos os seus componentes. As florestas tropicais, de forma especialmente potencializada, sintetizam o que se pode chamar de harmonia da diversidade - genética, de cores, de formas, de tamanhos... Compreender - com a mente e o coração - a dinâmica que sustenta esses grandes ecossistemas é uma das chaves para a construção de propostas e ações no rumo da sustentabilidade ambiental planetária.

No marco da Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário muitos eventos se realizaram nos últimos anos, destacando-se o plantio do Bosque das Nações, no Fórum Social Mundial, Porto Alegre - Brasil e o Encontro das Américas, Quito-Ecuador, de 19 a 23 de junho de 2001. Uma das propostas do encontro se referia a "recuperar uma relação de harmonia e de respeito com a natureza, da qual nós, seres humanos, também fazemos parte. Queremos "pisar leve sobre a Terra" como fundamento para SER NA natureza e ESTAR COM os seus ciclos. Florestas, águas, terras, céus, animais e seres humanos -- somos todos parte do santuário do nosso planeta... *Estamos todos sob o mesmo céu, embora não vejamos o mesmo horizonte....*"

Rede de Florestas - o fórum eletrônico Florestas do Mundo

O fórum eletrônico florestas@grupos.com.br reúne 129 pessoas de Argentina, Bolívia, Brasil, Camarões, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Estados Unidos da América, França, Malásia, Paraguai, Rússia, Uruguai e Venezuela. O eixo das propostas é a conservação do manancial de diversidade biológica e cultural existente nas florestas, no sentido de se estabelecerem diretrizes para um relacionamento saudável e realmente sustentável entre os seres humanos e o ambiente.

Durante 9 meses um total de 295 mensagens - em português, inglês e espanhol - foram enviadas simultaneamente a todos os participantes do fórum, tendo como ponto de partida para debate o documento preliminar "Preservação das Florestas e da Biodiversidade". Durante esse período a coordenação do fórum realizou contatos pessoais com outros grupos e redes, destacando-se as entidades envolvidas no Projeto Gondwana, atuantes na Patagônia Argentina e Chilena; organizações do Equador, onde nasceu a proposta de se proteger as florestas do paralelo zero; e participantes do primeiro fórum da ONU sobre florestas (UNFF1), que reuniu governos de quase todo o mundo, além de ONGs de todos os continentes. Finalmente, em outubro, uma estadia de dez dias na Amazônia brasileira impregnou toda a alma desse esforço com a incrível energia que permeia a maior floresta tropical do planeta, onde gente, plantas, animais, ar, sol e água se multiplicam em diversidade de vida.

Com a mesma forma - diversa e harmoniosa - ensinada pela floresta, tentamos organizar este caderno. O resultado é uma amostra propositiva de diferentes e complementares visões que um tema tão amplo e com tantas conexões possui.

Com a intenção de expor a riqueza do debate que resultou nas propostas apresentadas optamos por deixar falar as vozes e compilar documentos e opiniões que circularam no fórum eletrônico.

Como não poderia deixar de ser, devido à complexidade do tema, esse caderno é permeado por contrastes. As propostas refletem visões e realidades diversas - como uma conferência na ONU, em Nova York e uma reunião de jovens, na Amazônia. Permeando essa diversidade, um objetivo comum: interromper o rumo de destruição das florestas do mundo.

O resultado é um mosaico de 49 propostas agrupadas em seis grandes eixos, que receberam os seguintes títulos: Interromper o corte das florestas primitivas; o que é secundário pode ser passível de manejo sustentável; promover a cultura florestal; novos paradigmas econômicos; política florestal do Banco Mundial; a ONU e as florestas.

A Equipe de Animação do fórum eletrônico inseriu no debate os diversos grupos de trabalho da Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário, tendo em vista reforçar a transversalidade do tema florestal. Os comentários recebidos e transcritos constituem uma excelente contribuição a este caderno.

Ao concluirmos o trabalho, fica evidente que estamos apenas começando a resgatar a Terra e os seres que aqui vivem. A implementação das propostas apresentadas dependerá de uma ampla rede de parcerias e também da continuidade, aprofundamento e ampliação dos debates e das ações em andamento.

Uma árvore, ao cair, provoca grande ruído. Mas uma grande floresta cresce silenciosamente.

HISTÓRIA

Humbaba, Gilgamesh e a floresta protegida pelos deuses¹

Nos últimos 5000 anos, os seres humanos foram capazes de reduzir as florestas do planeta a menos de metade da sua área original. Se antes, 50% da superfície da terra do planeta era ocupada por florestas, hoje essa extensão corresponde a apenas 20%.

Muitas das áreas hoje consideradas campo, como as savanas africanas, os pampas argentinos e algumas pradarias da América do Norte, possuíam grandes extensões cobertas por florestas antes que os seres humanos as destruíssem. Em áreas mais secas como o norte da África, Grécia, Itália e Austrália, as áreas desmatadas foram tão seqüentemente utilizadas para agricultura, que tiveram seu solo empobrecido a ponto de se transformarem em desertos.

A história das florestas confunde-se com a própria história da civilização, começando na antiga e hoje árida Mesopotâmia. Naquela região - Crescente Fértil - foi iniciada a intensiva exploração das áreas florestais.

Conta o Épico de Gilgamesh, que há 4.700 anos, Gilgamesh, o regente da cidade-reino Uruk, desejava construir a sua cidade como forma de eternizar o seu nome. Os ambiciosos planos de construção exigiam grande quantidade de madeira de lei, disponível na enorme floresta primeva de Uruk - tão grande que ninguém se arriscava a determinar seu tamanho e onde "os cedros se elevavam com toda a sua exuberância".

Penetrar nessa floresta não era uma tarefa simples. Sua folhagem era tão densa que a luz do sol mal podia passar. Até aquela data não havia notícia de qualquer pessoa que tivesse se aventurado a penetrar naquelas matas, protegidas por ordem direta de Enlil, a principal divindade sumeriana, que ordenou ao violento semideus Humbaba que "preservasse a floresta de cedros".

Apesar das advertências de seus conterrâneos sobre os poderes de Humbaba, "cujo rugido é como uma tempestade, cuja boca é o fogo e cuja respiração é a morte", Gilgamesh e seus companheiros entraram na floresta com a intenção de matar Humbaba e, assim, cortar as enormes árvores.

Ao entrarem na floresta, num primeiro momento sua majestosa beleza distraiu o grupo de Gilgamesh, paralisando suas intenções. Mas depois de algum tempo deleitando-se na "moradia dos deuses" os lenhadores começaram, então, a derrubar os cedros. O barulho logo acordou Humbaba que, enfurecido com a invasão do lugar proibido e a destruição da floresta,

¹ Baseado em "História das Florestas" de John Perlin

ordena aos invasores que se retirem. Após uma violenta luta, Humbaba é morto e decapitado.

Quando Enlil, que tinha por missão garantir para sempre a prosperidade da Terra, soube da destruição da floresta, lançou uma terrível maldição sobre o reino de Uruk: "que a comida e a água de vocês seja consumida e tragada pelo fogo".

Este épico transcende o tempo, prenunciando acontecimentos que se repetiriam ao longo da história. A guerra contra a floresta continuou em quase todo o planeta, com o objetivo de suprir com materiais de construção e combustível o contínuo crescimento material da civilização.

Hoje, o sul da Mesopotâmia é um deserto.

CONTEXTO

Situação das florestas do mundo 2001

Resumo analítico - FAO

Há quase dez anos, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), celebrada no Rio de Janeiro, adotou o compromisso de trabalhar a favor de um manejo sustentável, da conservação e desenvolvimento de todos os tipos de florestas. A CNUMAD, ao catalisar o debate e a ação sobre as florestas, redefiniu o objetivo e os destinatários da exploração florestal, e elaborou o conceito de um manejo sustentável, com o firme compromisso de alcançá-lo, criando novas alianças na consecução de objetivos comuns na atividade florestal. Este resumo assinala fatos importantes, cuja relação com as florestas, em muitos casos, remontam à CNUMAD ou a um período anterior; e em outros, respondem a tendências e acontecimentos econômicos, sociais e políticos mais recentes.

Se bem que o caminho para alcançar resultados na ordem florestal sustentável seja difícil, e o progresso não seja tão rápido como se deseja, o caminho está agora mais aberto e é indiscutível que está sendo percorrido.

Os recursos florestais: superfície e condição

Estima-se em 3 870 milhões de hectares a superfície de florestas existente no mundo, e 95 por cento dela correspondem a florestas naturais e 5 por cento ao plantio florestal. O desmatamento tropical e a degradação de florestas em muitas áreas do mundo afetam negativamente a disponibilidade de bens e serviços florestais. Se nos países desenvolvidos a superfície florestal se estabilizou, e no conjunto experimentou um pequeno aumento, o desmatamento tem continuado nos países em desenvolvimento. A variação anual bruta da superfície florestal mundial durante o último decênio (1990-2000) foi estimada em -9,4 milhões de ha, cifra que representa a diferença entre a taxa anual estimada de desmatamento de 14,6 milhões de ha e a taxa anual estimada de incremento da superfície de florestas de 5,2 milhões de ha. As causas da degradação das florestas são de índole diversa. Algumas, como a exploração excessiva de produtos florestais, podem ser evitadas ou reduzidas mediante sistemas adequados de planejamento e de gestão, e os efeitos de outras causas, como as catástrofes naturais, podem ser mitigadas mediante planejamentos para imprevistos. A Situação das Florestas do Mundo 2001

analisa duas causas recentes do danos sofridos pelas florestas: os intensos incêndios que se produzem em todas as regiões do mundo e os furacões ocorridos na Europa em dezembro de 1999. Estuda-se também uma das atividades que começam a ameaçar a vida das florestas - a exploração da carne silvestre.

É certo que no transcurso dos anos 1999-2000 os incêndios não foram tão generalizados nem devastadores como no biênio anterior, como os graves incêndios na zona ocidental dos Estados Unidos, Etiópia, Mediterrâneo oriental e Indonésia. Os incêndios ocorridos nos quatro últimos anos provocaram a conscientização e preocupação da opinião pública sobre o problema e suscitaram a adoção de medidas políticas de caráter nacional, assim como iniciativas regionais e internacionais para a sua prevenção, alerta, detenção e controle.

Agora são mais conhecidas as vinculações existentes entre os incêndios e as políticas e práticas do uso da terra. Em muitos países foram postos em prática projetos comunitários de luta contra os incêndios e, ao mesmo tempo, houve uma reavaliação sobre os efeitos da exclusão do fogo nos ecossistemas que dependem deste elemento.

Os temporais que se abateram sobre a Europa, em dezembro de 1999, causaram danos ingentes a florestas e a árvores isoladas, afetando gravemente os meios de subsistência de muitas pessoas e perturbando indústrias e mercados florestais. No total, tais danos representaram seis meses de exploração madeireira regular na Europa; e em alguns países o vento derrubou tantas árvores quanto as que se extraem durante vários anos. Os governos agiram com rapidez e eficácia para minimizar os efeitos ambientais, econômicos e sociais, e muitos países se propuseram a modificar as políticas relativas ao estabelecimento e manejo das florestas para reduzir no futuro os riscos derivados das tormentas.

O esgotamento da vida silvestre nas florestas devido à exploração comercial da carne silvestre é motivo de preocupação crescente. O comércio não sustentável dessa carne constitui um grave problema em muitas regiões, tendo alcançado dimensões de uma autêntica crise em algumas zonas da África tropical, onde estão ameaçadas, entre outras, numerosas espécies de primatas e antílopes. Organizações não governamentais (ONGs) e governos e, a nível internacional, a Convenção sobre o comércio internacional de espécies ameaçadas da fauna e flora silvestres (CITES) adotaram medidas corretivas para afrontar esse grave problema.

Está previsto que no futuro a demanda de madeira será atendida mediante plantações florestais. Será necessário realizar de forma adequada

as tarefas de planejamento e de gestão para assegurar que não se causem efeitos ambientais e sociais negativos.

Ordenação, conservação e desenvolvimento sustentável dos recursos florestais

Existe em todo o mundo a tendência de aumentar as plantações de florestas e a depender delas em maior escala como fonte de madeira industrial. A ampliação da superfície de plantações no mundo é um fenômeno muito recente; com efeito, a metade das plantações têm menos de 15 anos de idade. A Ásia é a região predominante no cultivo de novas plantações; em 2000, ao redor de 62 por cento das plantações florestais do mundo estavam situadas nessa região. Outras novidades importantes se referem ao incremento de investimentos do setor privado no estabelecimento dessas plantações nos países em desenvolvimento, ao aumento da inversão estrangeira, e à expansão do sistema através de contratos, pelos quais comunidades ou pequenos proprietários produzem árvores para vender a empresas privadas.

A biotecnologia tradicional se dedica, desde há muito tempo, ao aumento da produtividade das plantações florestais. Não há opiniões contrárias no caso de muitas aplicações biotecnológicas na atividade florestal, mas atualmente se está colocando no setor florestal o debate sobre o uso de organismos modificados geneticamente. Tal modificação tem como finalidade oferecer mais resistência das espécies arbóreas florestais a vírus e insetos, assim como a redução da lignina e a tolerância aos herbicidas. Não há notícias da produção comercial de árvores transgênicas, embora se realizem ensaios sobre o terreno em vários países. A aplicação de novas biotecnologias pode ser de interesse, porém é necessário atuar com cautela na sua utilização a longo prazo em programas de conservação e melhoramento genético nas plantações.

Muitos países impuseram recentemente proibições ou restrições à extração de madeira, seja com a intenção de conservar os recursos florestais, ou como medida para enfrentar catástrofes naturais devastadoras (por exemplo, deslizamentos de terra e inundações) que se atribuem, corretamente ou não, a uma exploração comercial excessiva. Os efeitos dessas medidas têm sido variáveis. Em alguns países tais efeitos contribuíram para a conservação das florestas naturais; mas em outros afetaram negativamente o setor florestal e as comunidades locais, ou, simplesmente, transferiram para outros países o problema da super-exploração. Uma série de condições devem se dar para que os resultados sejam satisfatórios: alguns objetivos

bem definidos baseados no conhecimento das causas da degradação das florestas, políticas adequadas, vontade política decidida e recursos suficientes para enfrentar custos a curto e a médio prazo.

Cada vez é maior a sensibilidade em toda parte acerca das atividades florestais ilegais, incluída a corrupção e seus enormes custos financeiros, ambientais e sociais. A corrupção, considerada até há pouco tempo como um tema tabu, é agora tratada abertamente nos principais fóruns internacionais; e os governos, as ONGs, o setor privado e a comunidade internacional estão enfrentando ativamente o problema. Alguns governos, com apoio de ONGs e de instituições respeitáveis do setor privado, têm empregado grandes esforços para combater atividades ilegais e a corrupção no setor florestal.

A participação de comunidades na ordenação florestal é uma característica significativa das políticas e programas florestais nacionais em todo o mundo. Muitos organismos florestais nacionais estão imersos num processo de descentralização, reestruturação e redução, com resultados variáveis. Frente ao problema da falta de recursos financeiros e humanos, os governos recorrem, cada vez mais, a comunidades locais para que contribuam na proteção e gestão das florestas estatais. Pode-se assinalar algumas das características da ordenação comunitária comparando o enfoque que se aplica na Ásia Meridional com o que se introduziu mais recentemente na África.

Bens e serviços derivados das florestas

Entre os numerosos bens e serviços proporcionados pelas florestas, destaca-se a madeira industrial, os serviços ambientais, a moderação das mudanças climáticas e a conservação da diversidade biológica.

O biênio passado se caracterizou pela recuperação geral da demanda mundial de madeira industrial, depois da pronunciada queda do período 1997-1998 originada pela crise econômica asiática. Os efeitos da crise, embora negativos, foram menos duradouros do que a princípio se temia. Não obstante, a produção de produtos de madeira tropical não chegou a alcançar os níveis anteriores, e alguns países asiáticos não superaram as dificuldades. O comércio, que se havia reduzido entre 1997-1998, experimentou importante recuperação em 1999-2000. Um elemento novo, que merece destaque, se refere à crescente importância da China como consumidor de madeira, ao lado do espetacular crescimento experimentado pelas importações de madeira nesse país nos últimos anos, face às restrições impostas à exploração de florestas naturais. Este fato influiu de forma

significativa nas redes de produção e comércio, tanto dentro da região da Ásia como fora dela.

No que diz respeito ao comércio, a certificação de produtos florestais, mesmo sendo uma questão controvertida, conseguiu maior aceitação, mostrando-se de maior interesse nos principais países importadores (Europa ocidental e Estados Unidos) e em países exportadores cujos principais mercados de exportação se encontram nessas áreas. A superfície de florestas certificadas continua em crescimento, estimada agora em cerca de 90 milhões de hectares. De todo modo, só representa ao redor de 2 por cento da superfície florestal do mundo; e a maioria das florestas certificadas encontram-se situadas em um número limitados de países da zona temperada, e não nos países tropicais onde predomina maior preocupação sobre as práticas de extração de madeiras não sustentáveis. Entre as novidades registradas nesse campo deve-se mencionar a elaboração de novos sistemas nacionais de certificados, o reconhecimento mútuo desses processos, a preferência pelos produtos de madeira com essa garantia por parte de grandes consórcios varejistas da Europa e dos Estados Unidos, além de vários grupos de compradores, e a certificação de alguns produtos não madeireiros.

Conservação da diversidade biológica dentro e fora de zonas com proteção

As zonas florestais protegidas são primordiais para a conservação da diversidade biológica mundial. Por si sós, no entanto, não são suficientes para conseguir os objetivos de conservação da biodiversidade, e devem complementar-se com a adoção de medidas eficazes de conservação além das áreas sob proteção.

As indústrias florestais continuam adaptando-se às mudanças em relação a matéria prima, quer dizer, ao aumento da oferta de madeira procedente de plantações e de um conjunto mais variado de espécies. A menor disponibilidade de matérias primas procedentes das florestas está dando lugar ao aparecimento de sistemas inovadores que aumentam a oferta de madeira, e a uma utilização maior de resíduos e sobras.

As recentes negociações sobre o Protocolo de Kioto, da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança Climática, têm destacado as florestas no contexto das mudanças do clima. As florestas influem nessa mudança e sofrem a sua influência. Desempenham um papel importante no ciclo mundial do carbono, cuja gestão ou destruição poderiam afetar significativamente o processo de aquecimento mundial durante o século XXI. Se as mudanças climáticas se efetivarem, os seus efeitos sobre as florestas poderiam ser

de longo alcance e durar muito tempo. As florestas podem contribuir para reduzir as emissões e reter e armazenar o carbono. Uma vez ratificado, o Protocolo de Kioto poderia influir profundamente no setor florestal, segundo o tipo de atividades florestais aceitas com o objetivo de mitigar a mudança climática e as normas que a ela se aplicarem.

Durante os dois últimos decênios, a conservação e a diversidade biológica têm sido um dos elementos constitutivos da política e da planificação florestais em todo o mundo, como um fator de primeira ordem no programa da comunidade internacional e um componente importante na assistência para o desenvolvimento, assim como o centro de muitas atividades apoiadas pelas ONGs. Por muito tempo se considerou que as áreas protegidas constituíam o elemento básico para a conservação da biodiversidade.

Estima-se que 12 por cento das florestas mundiais se encontram em áreas protegidas. Entre as novidades recentes registradas na gestão dessas áreas figuram iniciativas dirigidas a integrar as necessidades em matéria de conservação e desenvolvimento, atividades de conservação de caráter comunitário, maior atenção à gestão do ecossistema e o enfoque biorregional - no qual as áreas protegidas são consideradas no contexto geográfico e de maior amplitude no uso da terra.

O diálogo internacional e as iniciativas mundiais e regionais

Os países adotaram posturas de acentuado confronto nas questões florestais em curso na CNUMAD. Para ir além dos acordos adotados na Conferência do Rio, as deliberações intergovernamentais prosseguiram, inicialmente no seio do Grupo Intergovernamental sobre Florestas (IPF, sigla em inglês) entre 1995-1997 e, a seguir, no marco do Fórum Intergovernamental sobre Florestas (IFF, sigla em inglês), entre 1997 e 2000. Em outubro de 2000, os países concordaram em subscrever um acordo internacional sobre as florestas, que incluía o estabelecimento do Fórum das Nações Unidas sobre Florestas (UNFF, sigla em inglês), cujo mandato consiste em promover a ordem sustentável, a conservação e o desenvolvimento de florestas de todo tipo, reforçar o compromisso político a longo prazo e promover a aplicação de propostas de ação decididas pelo IPF e o IFF.

Nos últimos anos foram produzidos novos avanços na aplicação das três convenções decididas na CNUMAD, ou seja, o Convênio sobre diversidade biológica, a Convenção marco das Nações Unidas sobre mudança climática e a Convenção das Nações Unidas na luta contra a desertificação. Os vínculos entre elas foi fortalecido, juntamente com o processo IPF/IFF

e outras convenções e acordos anteriores (CITES, Convenção de Ramsar sobre zonas úmidas e o Convênio internacional de madeiras tropicais).

A tendência recente de fortalecimento da cooperação regional teve prosseguimento. Ademais, está se reforçando a cooperação a nível ecorregional e ainda se destacam iniciativas relacionadas a países que têm uma cobertura vegetal reduzida e às florestas de montanha (em particular no marco do Ano Internacional das Montanhas, em 2002). Esta tendência se observa igualmente a nível técnico, como por exemplo a cooperação regional sobre incêndios.

Uma série de iniciativas regionais e mundiais apoiam os esforços realizados pelos países em favor do manejo florestal sustentável. A elaboração de critérios e indicadores para esse manejo contribuiu para uma melhor definição deste conceito e para calcular os progressos realizados para alcançá-lo. Os programas de florestas modelo e de demonstração do que se está aplicando na maioria das regiões do mundo têm contribuído para ilustrar a prática do manejo florestal sustentável.

Conclusão

O decênio de 1990 foi de grande transcendência no que respeita à adoção de uma visão comum, em escala mundial, sobre o futuro das florestas e sua relação com a vida da população; foram alcançados acordos sobre a forma de avançar e tornar essa visão em realidade; desenvolveram-se tecnologias e instrumentos que facilitam essa tarefa, assim como se aclararam questões conexas de custos e benefícios. Foram assentadas as bases. Porém, para que se torne realidade a visão fundamentada no manejo sustentável, e a conservação e o desenvolvimento das florestas do mundo, ainda se dependerá de uma série de fatores, tais como a capacidade para financiar e distribuir de forma equitativa os custos e benefícios de tal ordenação, a manutenção e o fortalecimento do compromisso político e a tradução desse compromisso em uma ação eficaz.

CONTEXTO

Avaliação da FAO sobre a situação das florestas: ocultando a verdade

Pablo Luis Caballero

Recentemente a FAO apresentou os resultados de sua Avaliação dos Recursos Florestais Globais 2000, que caracterizou como "o relatório de base mais abrangente, confiável e fidedigno em relação aos atuais recursos florestais. "Mas a pergunta mais importante é: serve para algo? A mensagem central da avaliação da FAO é que a situação melhorou em relação a estudos anteriores desse tipo a nível mundial. Indica que no presente o desmatamento está se dando "a uma taxa bruta significativamente inferior à registrada no informe anterior da FAO, correspondente ao período 1990-1995"; e acrescenta ser "possível que, desde a década de 1980, o desmatamento bruto a nível global tenha decrescido. "Desta maneira pareceria que - afinal! - a situação estaria melhorando. No entanto, ao analisar detidamente o estudo, é claro que a situação não melhorou em nada e que as conclusões a que chega o relatório resulta de manipulação da informação de distintas formas:

- 1) Mudança na definição de florestas
- 2) Falta de inclusão do corte comercial como desmatamento
- 3) Inclusão das plantações como "florestas", segundo a clássica definição da FAO
- 4) Inclusão de mais tipos de plantações como florestas - a exemplo da borracha.

Intencionalmente ou não, a FAO está difundindo mensagens errôneas. Sugere que o desmatamento está diminuindo, quando os seus próprios dados indicam o contrário. Está dizendo aos governos que podem cortar todas as suas florestas, que apenas deverão ser consideradas como "áreas temporariamente sem árvores."

O mundo necessita saber a verdade acerca do estado real das florestas. Não como um exercício acadêmico, senão como uma ferramenta para adotar e implantar políticas que assegurem a conservação de suas florestas em perigo. Desgraçadamente, a FAO perdeu a oportunidade de subministrar ao mundo essa ferramenta.

CONTEXTO

A situação parece mesmo estar fora de controle

Claudia Teixeira

De fato, o relatório da FAO - Forest Resource Assessment (FRA 2000) - parece querer propositadamente confundir mais do que esclarecer a real situação das florestas no mundo. E tudo indica que tão cedo não teremos dados confiáveis, tendo em vista o alto custo de se produzir um levantamento completo e bem documentado. Argumentando a escassez de recursos, a FAO utiliza métodos de amostragem e coleta de dados oficiais dos países, que variam muito em escalas, datas e qualidade da informação.

Analisei esses dados da FAO logo que foram divulgados na Internet, em janeiro 2001. A conclusão é de que não se pode ter certeza das taxas de desmatamento, não só porque a FAO considera como florestas as grandes monoculturas arbóreas (eucaliptos, pinus, teca, acácia, hevea...) como principalmente porque alterou o critério anterior de 20% de cobertura arbórea (dossel) para 10% nos países industrializados não-tropicais, concluindo assim que os "ricos" estão preservando e aumentando suas florestas e os "pobres" estão destruindo as suas.

A FAO utilizou os novos critérios para reavaliar os dados de 1990, podendo assim definir a variação de cobertura florestal no período 1990-2000, segundo os mesmos critérios e fontes. O resultado apresentado indica que a queda da taxa mundial de desmatamento de 13 para 9 bilhões ha/ano da década de 80 para a de 90. Como os métodos foram diferentes em 80, torna-se impossível a comparação!!

Para tentar identificar as taxas de desmatamento das florestas tropicais, diminuí da área total de floresta de cada país o correspondente às plantações arbóreas, apresentados pela FAO em tabelas separadas. Os dados de plantações de 1990 eu extraí do FRA 1990. Em relação ao total de florestas existentes no mundo apresentado pela FAO para 2000 (3,86 bilhões de hectares), as plantações correspondem a menos de 5%. Somente na Ásia as plantações têm maior peso, ocupando 21% do total.

Considerando somente os países tropicais (entre os trópicos de Câncer e Capricórnio) a taxa de desmatamento, incluindo as plantações, no período 1990-2000, seria de 12 milhões ha/ano. Excluindo as plantações, essa taxa sobe para 16 milhões ha/ano. Quando se analisam os dados por país, as divergências se tornam ainda mais fortes. O caso da Índia é o mais gritante: se consideradas as plantações (e a Índia tem a maior área de eucalipto do mundo), a taxa de desmatamento seria nenhuma; excluídas as plantações, a Índia apareceria como o segundo país mais desmatado, com uma taxa de 1,9 milhões ha/ano. O primeiro país em taxa de desmatamento

no período 1990-2000 foi o Brasil - com ou sem plantações (não houve grande crescimento de área plantada no período, segundo a FAO) - com a média de desmatamento de 2,23 milhões ha/ano. A Indonésia é o terceiro, depois da Índia, com 1,7 milhões ha/ano.

Apesar de o Brasil ser o "campeão" do desmatamento, a situação da Ásia é mais crítica. Mantidas as atuais taxas de desmatamento, a Índia e a Tailândia perderão completamente suas florestas naturais em menos de 20 anos, a Malásia em 43 anos e a Indonésia (terceiro país com a maior área de floresta tropical, depois do Brasil e da República Democrática do Congo) em 56 anos. E para exterminar totalmente com as maiores áreas de floresta tropical do mundo, bastaria pouco mais de dois séculos.

Se considerarmos que a tendência é de aumento da velocidade de desmatamento, na medida em que avançam as estradas e a ocupação e que a FAO provavelmente está subestimando as reais taxas de desmatamento no mundo,... a situação parece mesmo estar fora de controle. Os últimos dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE inclusive mostram que na Amazônia, onde ocorre a maior parte do desmatamento, a situação está cada vez pior.

CONTEXTO

Causas ocultas do desmatamento e degradação das florestas

World Rainforest Movement

As florestas constituem um dos ecossistemas mais valiosos do mundo. Contêm mais de sessenta por cento da biodiversidade do planeta que, além do seu valor intrínseco, possuem outros múltiplos valores sociais e econômicos - desde as importantes funções ecológicas das florestas em termos de proteção do solo e bacias hidrográficas, até o valor econômico pecuniário e não pecuniário dos numerosos produtos que se podem extrair da floresta. Para muito indígenas e povos que dela dependem, a floresta constitui o seu sustento, abastecendo-os de plantas comestíveis e medicinais, de carne de animais silvestres, frutas, mel, refúgio, fogo e vários outros produtos, em torno do qual erigem seus valores culturais e espirituais. Em escala mundial, as florestas desempenham um papel crucial na regularização do clima e constituem um dos principais sumidouros de carbono do planeta. Sua sobrevivência, portanto, impede o aumento do efeito estufa.

Florestas desapareceram em muitas partes do mundo, e os índices de desmatamento mundial chegaram até a quinze milhões de hectares por ano somente para as florestas tropicais, durante a década de oitenta. Na maior parte do mundo o desmatamento se acelerou na década de 90. Neste sentido, convém destacar que os índices de desmatamento tendem ser obscurecidos em função da ambigüidade existente em torno da definição de floresta. A última definição da Organização para a Agricultura e a Alimentação (FAO), formalmente o órgão responsável pelas florestas dentro do sistema das Nações Unidas, é tão ampla que de fato a maior parte das superfícies urbanas verdes podem ser consideradas grandes ecossistemas de florestas. E assim, poucas vezes se toma em conta a substituição de valiosos ecossistemas de florestas primitivas por plantações de monoculturas - em muitos casos de espécies arbóreas forâneas como o eucalipto ou o pinho - ou por florestas biologicamente pobres. Grande parte da Europa, por exemplo, perdeu a maioria de suas florestas primitivas durante o século XIX. Apesar disto, os últimos relatórios da FAO estabelecem com entusiasmo que existe aumento de florestas boreais e temperadas nessa região. Uma parte substancial dessa "floresta", porém, conta com uma produção biologicamente pobre e carece de soto-bosque, de biodiversidade edáfica original e da maioria das espécies originais de aves, mamíferos e répteis. Na realidade, mais se assemelham a plantações de monoculturas do que a florestas verdadeiras.

Causas diretas do desmatamento

Entre as causas diretas mais importantes do desmatamento, estão o corte, a transformação da floresta em agricultura e criação de gado, a urbanização e a construção de infraestrutura, a mineração e exploração de petróleo, a chuva ácida e os incêndios. Não obstante, existe tendência em se acusar os pequenos agricultores migrantes, ou a "pobreza", como causa principal da perda de florestas. A tendência geral desses agricultores está mais para assentamentos ao longo dos caminhos que cruzam a floresta, limpeza de uma parcela de terra e seu uso para a plantação de culturas de subsistência ou comerciais. Nas florestas tropicais, tais práticas acabam por provocar uma rápida degradação do solo, em geral demasiado pobre para resistir a práticas agrícolas desse tipo. Por conseguinte, em poucos anos o agricultor vê-se forçado a devastar outra parcela da floresta. A terra agrícola degradada em geral é utilizada alguns anos mais para a criação de gado, o que equivale a sua sentença de morte, uma vez que o gado elimina os últimos rastros de fertilidade que poderiam permanecer. O resultado é uma parcela de terra totalmente degradada, que durante muitos anos não terá condições de recuperar sua biomassa original. É um grande erro crer que tais práticas agrícolas insustentáveis só ocorrem nos países tropicais. Muitas partes da América do Norte e da Europa Ocidental foram desmatadas devido a esse tipo de agricultura, provocando uma severa degradação do solo, e em muitos casos o seu abandono pelos agricultores.

Em outros países, as práticas florestais de corte raso têm sido a causa da perda florestal. Em princípio dos anos 90, Canadá e Malásia foram exemplos famosos de países nos quais as companhias madeireiras cortaram sem piedade milhares e milhares de preciosas florestas primitivas. Aqui tampouco se pode passar por cima da perspectiva histórica.

Países como Irlanda e Escócia eram praticamente cobertos de florestas, porém, durante o império britânico foram quase totalmente cortados para abastecer de madeira as serrarias inglesas. Atualmente, a exploração florestal ainda continua, e cuja ameaça mais importante incide sobre as florestas de regiões como o Escudo da Guiana, África Central, Sibéria Oriental e a Colúmbia Britânica.

Causas ocultas do desmatamento e degradação das florestas

No decorrer das últimas décadas, a crise florestal motivou o aparecimento de várias iniciativas internacionais, regionais e nacionais destinadas à preservação das florestas, se bem que muitas delas não alcançassem muito êxito. Em geral há coincidência em que o fracasso se

deve a que certas estratégias se concentraram em causas mais próximas do desmatamento e da degradação, desconhecendo suas causas subjacentes - que são múltiplas e estão interrelacionadas. Em alguns casos, têm a ver com os grandes fenômenos econômicos internacionais, tais como estratégias macroeconômicas que oferecem grandes incentivos para a obtenção de lucros a curto prazo, em lugar de buscar a sustentabilidade a longo prazo.

Também são importante as estruturas sociais profundamente arraigadas, que provocam desigualdade na propriedade da terra, assim como discriminação de povos indígenas, agricultores de subsistência e pobres em geral. Em outros casos, estão fatores políticos como a falta de democracia participativa, influência de militares e exploração de zonas rurais por elites urbanas. O consumismo desmedido de países de rendas elevadas constitui outra das principais causas ocultas do desmatamento, enquanto em algumas regiões a industrialização não controlada se torna num fator chave para a degradação das florestas, afetadas pela chuva ácida provocada pela contaminação generalizada.

Devido a sua complexidade, é impossível mencionar, neste contexto, a maioria das causas subjacentes mais importantes do desmatamento. No entanto, pode-se dar vários exemplos para demonstrar como estas causas podem parecer sumamente diversas a primeira vista e, contudo, estão estreitamente interrelacionadas.

Forças que atuam por detrás da agricultura insustentável

Segundo a FAO, noventa por cento do desmatamento são provocados por práticas de agricultura insustentável, enquanto o corte e o plantio de árvores para exploração florestal desempenha o papel mais importante na degradação das florestas. Por mais controvertidas que seja estas cifras, pode-se dizer que a agricultura insustentável é sem dúvida uma das principais causas diretas do desmatamento e da degradação das florestas em muitos países. Um enfoque simplista do problema poderia levar a culpar a "ignorância" dos agricultores envolvidos nesse processo, o que, sem dúvida, é muito mais complexo. São poucos os que realmente decidem voluntariamente abandonar sua terra natal, penetrar numa floresta, devastá-la e convertê-la em terra agrícola. São levados a isto pelas forças nacionais e internacionais que atuam em função de interesses diferentes dos seus. Em alguns países, as florestas servem de válvulas de escape para evitar levantes sociais. A concentração do poder e a terra em poucas mãos dão origem a uma grande massa de despossuídos que podem chegar a protagonizar situações de enfrentamento e de explosão social, pelo que, para evitá-lo, se lhes oferece a possibilidade de acesso gratuito a parcelas de terra floresta a dentro. E

isto se torna possível através de projetos promovidos pelo governo, seja para desbastar e "desenvolver" as florestas, ou como resultado de atividades de companhias dedicadas à exploração florestal, à mineração, à energia e outras. Este exemplo deixa claramente exposto que o desmatamento somente ocorre porque há uma série de políticas estatais - sociais e econômicas - que indiretamente a promovem. São os pobres que fazem funcionar as serras e põem fogo na floresta; mas são principalmente o governo e as empresas que estão por detrás de tais ações.

Conseqüências da globalização a longo prazo

Em outros casos, as florestas são cortadas para abrir caminho para a agricultura moderna e a criação de gado em grande escala, com destino ao mercado de exportação. Por exemplo, florestas foram transformadas para a criação de gado na América Central, produção de soja no Brasil e fabricação de madeira para pasta na Indonésia. No primeiro caso, o processo teve origem no crescimento explosivo do mercado de comida rápida - hamburgers - nos Estados Unidos, mercado que exige grande quantidade de carne barata de baixa qualidade que poderia ser produzida em países próximos à zona tropical. O resultado foi a devastação generalizada da América Central. A produção subvencionada e de alta "tecnologia" de carne na Europa exige um abastecimento sempre crescente de cereais para alimentar o gado. A soja é um dos principais insumos dessa produção, e no Brasil - assim como em outros países do Sul - enormes superfícies de florestas foram abatidas para assegurar a sustentabilidade econômica desse setor por meio do abastecimento de cereal barato. Situação similar ocorre com o papel: o aumento constante do seu consumo, particularmente nos países de alta renda, depende da disponibilidade de madeira ou pasta de madeira barata que alimentem a indústria papeleira. É assim que se devastam as florestas da Indonésia - e de muitas outras partes do mundo - para dar lugar a plantações de eucalipto destinadas a abastecer esse mercado com crescentes quantidades de matéria prima barata. Nos casos anteriores, fica bem claro que a produção de hamburgers nos Estados Unidos, ou de carne na Europa e de papel nos países de alta renda, constituem uma causa subjacente do desmatamento da América Central, Brasil e Indonésia.

Políticas de posse de terra e as desigualdades

O seguinte exemplo do Equador pode ser extensivo não só à maioria dos demais países amazônicos, como também a muitos outros do Sul em outras regiões distantes. No início da década de 70 houve um grande fluxo

migratório de agricultores que penetraram na amazônia equatoriana, uma das zonas de florestas mais apreciadas do mundo. A maioria desses agricultores provinham dos Andes e de regiões costeiras do país, escapando da falta de terra, do desemprego e da degradação da terra. A migração foi ativamente alentada por um programa do governo equatoriano que incluía a entrega de títulos para parcelas de 45 a 50 hectares para os imigrantes. Como os agricultores corriam o risco de perder o direito à terra se não a transformassem em terra agrícola ou outra terra "útil", o desmatamento era mais ou menos obrigatório. Na maioria dos casos, bastava combinar uma situação desesperadora na região de origem com fortes incentivos legais, econômicos ou de outro tipo para que as pessoas imigrassem para as florestas. No Equador tais incentivos estiveram principalmente dirigidos pelo governo e incluíam tanto a falta de uma reforma agrária e um sistema de agricultura sustentável nos Andes e na região costeira (fatores de expulsão), como uma política deliberada para convencer as pessoas a trasladar-se para a floresta (fatores de captação) através de uma campanha de informação pública na qual se alentavam falsas expectativas e se prometiam títulos de propriedade sobre terras que em geral lesionam os direitos dos povos indígenas.

No Equador ficou claro que uma série de causas profundas desencadearam um processo migratório dentro da floresta, provocando um desmatamento generalizado na região amazônica. Entre as diversas causas, a política de migração promovida oficialmente foi provavelmente a número um, que deu como resultado um processo destrutivo no qual o desmatamento foi levado a cabo por um agricultor imigrante, mas cuja responsabilidade cai sobre o governo.

Modelos de produção e consumo

Entre as numerosas causas subjacentes ao desmatamento, uma das menos compreendidas se refere à relação entre o desmatamento e os modelos de produção e consumo, tanto de produtos agrícolas, como em geral. É necessário destacar que muito poucas vezes a produção de alimentos para os pobres é causa do desmatamento, uma vez que as maiores superfícies de florestas convertidas para outros usos estão atualmente dedicadas à produção de cultivos comerciais e à criação de gado. Estes produtos, que vão desde o café e carne à coca e soja, em muitos casos são produzidos quase exclusivamente para os mercados exportadores dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). É absurdo defender a produção desses bens - cujo destino é satisfazer os desmedidos modelos de consumo dos países do Norte - com o argumento da

segurança alimentar, como fazem alguns governos e instituições internacionais (incluída a própria FAO).

Os modelos de produção e consumo desempenham em geral um papel importante no desmatamento, já que constituem a resposta à pergunta porquê tantos, senão a maioria, dos países tendem a centralizar sua produção no abastecimento dos mercados de exportação. Na maioria dos casos estimula-se que a produção para a exportação deve reparar constantemente a balança comercial seriamente abalada, e/ou para pagar dívidas em parte causadas por esse mesmo desequilíbrio da balança comercial. Segundo a atual ideologia do livre comércio, o remédio estandar de instituições financeiras como o Fundo Monetário Internacional (FMI) é o aumento da exportação, em lugar da redução das importações. Enquanto isto, é a importação de bens suntuosos para a parte mais rica da sociedade, e a importação de armas, que tendem a ajustar a causa estrutural dos desequilíbrios da balança comercial e da balança de pagamentos, tanto dos países industrializados como dos de baixa renda. Uma das principais e mais profundas causas do desmatamento é o não reconhecimento desta relação entre os modelos de consumo e os problemas macroeconômicos por parte de forças macroeconômicas como as instituições de Bretton Woods.

Um problema mundial com muitos atores

O desmatamento e a degradação das florestas ocorre tanto nos países do Norte como do Sul, e as causas subjacentes também se originam de ambos, se bem que em graus diferentes de responsabilidade. Os países industrializados não só reduziram ou degradaram suas próprias florestas no passado, como muitos ainda o continuam fazendo no presente, seja através do abate em grande escala – como em muitas zonas do Canadá, Estados Unidos e Austrália – ou pela simplificação – e portanto a degradação – das florestas reduzidas a umas poucas espécies de valor comercial, a custo de sua biodiversidade – como ocorre na Suécia, França ou Finlândia. Ao mesmo tempo, os problemas resultantes do modelo de industrialização – tais como a chuva ácida – têm um forte impacto na degradação das florestas. Algo similar ocorre no Sul, onde algumas florestas estão sendo cortadas – em grande parte para a agricultura insustentável orientada para a exportação, para a plantação de monoculturas de árvores e palmeiras oleaginosas ou ainda para o

gado – ou estão sendo degradadas como resultado da atividade madeireira seletiva de espécies mais comerciais – como a caoba.

O papel dos militares

A importação de armas constitui um peso importante para a situação socioeconômica, e portanto ecológica, em muitos países. Cada dólar gasto em armas é um dólar a menos destinado à educação, ao cuidado com a saúde, ao desenvolvimento de tecnologia sustentável e ao desenvolvimento sustentável em geral – e um dólar que se soma ao lado negativo da balança de pagamento. Por outra parte, a exportação de armas constitui um grande negócio para muitos países, especialmente os do Norte. Naturalmente que a guerra e a violência representam, em si mesmos, um importante peso direto e indireto para as florestas. Em alguns casos, os militares têm interesses diretos nas concessões para a exploração florestal ou para a produção de cultivos comerciais, como a coca. A influência dos militares nas políticas governamentais de muitos países é mais profunda, porém está mais velada. Em muitos casos, há considerações estratégicas por detrás da colonização de zonas florestais.

Para os militares, o caráter inacessível das florestas constitui um problema estratégico. As trilhas constituem uma vantagem estratégica. Os povos indígenas e outros grupos isolados da sociedade constituem uma ameaça estratégica. A devastação de florestas e o estímulo à imigração de pessoas do centro do país para zonas isoladas servem a um fim estratégico. A exploração petroleira e a mineração dentro do país é estrategicamente importante, ainda quando atraíam a companhias estrangeiras em condições pelas quais os lucros praticamente se vão do país. E, mais indiretamente, é em parte o contínuo domínio das ideologias estratégicas da guerra fria a causa de que algumas instituições macroeconômicas mundiais estão tão desapidadamente orientadas para o livre mercado. Apesar destas relações óbvias, ou menos óbvias, parece haver um forte tabu sobre a influência dos militares no desmatamento e em outros problemas sociais e ecológicos. Não há cifras claras e se há pesquisado muito pouco a respeito.

Olhando para o futuro

A comunidade internacional – pelo menos dentro do marco do Fórum Intergovernamental sobre Florestas, e da Comissão para o Desenvolvimento Sustentável – reconhece a necessidade de identificar as causas subjacentes do desmatamento, com o objetivo de encontrar soluções e salvar as florestas do planeta que ainda permanecem em pé. As organizações não

governamentais que participam deste Fórum ofereceram seus serviços para trabalhar em cooperação com governos e organismos internacionais e levar a cabo um processo de identificação das grandes causas subjacentes do desmatamento em todas as regiões do mundo -- e elaborar soluções. Tal oferta foi aceita e o processo já começou. Não obstante, é importante estar conscientes de que o desmatamento e a degradação das florestas não são temas "técnicos". As florestas não estão desaparecendo porque as pessoas e seus governos sejam ignorantes ou porque não existam planos de gestão adequados. As florestas estão desaparecendo porque uma série de políticas nacionais e internacionais interconectadas prepararam o terreno para que isto aconteça. É a este nível, portanto, que se devem buscar as soluções.

Ademais, se bem seja necessário identificar as causas subjacentes e elaborar mudanças nessas políticas para conter o desmatamento, é crucial chegar à sociedade organizada para assegurar que tais mudanças realmente sejam aplicadas, de forma que tanto a humanidade no seu conjunto como as pessoas que vivem nas zonas florestais se beneficiem igualmente. Este é, obviamente, um desafio muito grande e difícil, mas se trata de um esforço necessário - que vale a pena, uma vez que abre certa esperança para o futuro.

PROPOSTAS

INTERROMPER O CORTE DE FLORESTAS PRIMITIVAS

1. Declarar a floresta primitiva sagrada e não autorizável para qualquer tipo de exploração.
2. Criar um santuário intercontinental de florestas nativas ao sul do paralelo 40.
3. Criar um cinturão mundial de diversidade cultural e biológica no paralelo zero - Santuário Equatorial, incluindo territórios de países da América Latina, África e Oceania.
4. Preconizar uma moratória florestal, só admitindo o comércio de produtos florestais oriundos do manejo em áreas de vegetação secundária.

"As árvores são pilares primários e indispensáveis das correntes vitais do planeta: são como antenas, que captam a energia do cosmos e a entregam à Terra. Toda nossa preocupação pela saúde da vida deveria começar estimulando o cultivo, cuidado, conhecimento, respeito e amor pelas árvores. O desmatamento, ou seja, a perda de árvores, representa um dos erros mais garrafais que os homens cometeram em sua história."

"Nossos templos são as florestas antigas, Catedrais Florestais, que evoluíram por milhares de anos e conseguiram uma harmônica convivência entre as árvores gigantes, as árvores menores, os arbustos, cipós, epífitas, samambaias, musgos, ervas que cobrem o chão da floresta. Os animaizinhos, as aves, sapos e lagartos, os insetos que polinizam as flores, e os microscópicos organismos que vivem no solo. Todos resultam indispensáveis para que os ciclos da vida na floresta chilena e no planeta se desenvolvam harmoniosamente. Nada sobra e nada falta. As florestas prístinas são a perfeição e a máxima expressão de Deus sobre a Terra."

Malu Sierra, CHILE

VOZES

"Com respeito a este debate aberto, suspeitamos que nossa proposta já foi colocada. Ainda assim não queremos deixar de registrá-la aqui: Exigir que NÃO SE CORTE NEM MAIS UMA ÁRVORE NATIVA. O que significa que a sustentabilidade da floresta não está em quantificar o corte, nem em pretender que uma floresta degradada se recupere com o corte de 60% de sua área básica, transformando as florestas virgens em florestas manejadas através da engenharia florestal." Para nós, com o desaparecimento de 70% na Argentina dessas massa florestal a única alternativa é a criação de "um santuário internacional da floresta nativa ao sul do paralelo 40° , 'Gondwana'

Javier Rodríguez Pardo, ARGENTINA

" Na minha opinião, até prova em contrário, este manejo sustentável não existe; e a continuar assim a exploração deve ser interrompida. Esta me parece a conclusão de todo este debate. E ela só deveria ser alterada no dia em que aparecessem dados demonstrando que ela está errada. Hoje se faz ao contrário. Vai-se explorando para ver como fica depois. Qual das duas atitudes é a correta? A primeira garantiria a preservação das poucas florestas nativas que restam. A segunda, ainda que feita com intenções de manejo sustentável, não pode garantir essa sobrevivência. O problema político de como conseguir essa interrupção são outros quinhentos. Pode até ser impossível na prática, mas propor outra coisa fere a minha consciência."

João Madeira, BRASIL

"Manejo florestal ainda é uma atividade irresponsável. Se não se conhece a resposta de cada intervenção, não existe manejo sustentável. É um manejo de fato insustentável."

"Não temos ainda manejo florestal, o que praticamos é uma exploração irresponsável das formas de vida das florestas. Basta verificar que o controle inexistente. As licenças de exploração são expedidas por meio de análises tremendamente superficiais, sem uma visão ecossistêmica da floresta. Autoriza-se com base, apenas, em volume de madeira que se acredita ser o razoável para permitir a reposição automática, sem qualquer acompanhamento do que acontece depois. Certificação de que?, se não dispomos dos mínimos conhecimentos."

VOZES

"Quero parabenizar o questionamento sobre certificação. Acredito no Manejo Florestal, mas nada tem de semelhante com o que se pratica atualmente."

Paulo Cezar Mendes Ramos, BRASIL

"A interrupção do comércio de produtos florestais extraídos das florestas primitivas atende a necessidade de interromper a destruição das florestas primitivas e ao mesmo tempo estabelecer a paz com os que dependem da floresta para sobreviver. As florestas primitivas devem ser reconhecidas como "sagradas" por abrigarem mistérios da sustentabilidade da vida no planeta, que nunca iremos compreender, pois deste mistério somos apenas parte."

"Não acredito ser boa estratégia para interromper a destruição das florestas do mundo, a implantação de sistemas sustentáveis de manejo, uma vez que a própria idéia de manejo florestal visa conferir sustentabilidade na exploração florestal, e na verdade o conceito foi utilizado para se prosseguir no corte de florestas primitivas."

André Vieira, BRASIL

"Me parece, inclusive, um pouco prematura a definição de certas posições sem que se tenha discutido melhor as suas implicações. Por exemplo, a proposta de André Vieira, de "preconizar uma moratória florestal" e ser contra sistemas de manejo sustentável... acho que é complicada. Não é o mau uso de certos instrumentos que os torna desqualificados. E vale lembrar que a presença humana nas florestas e o uso dos "bens" florestais são históricos e fica difícil dizer o que é uma "floresta primitiva" (especialmente se quisermos entender esse conceito como algo isento da ação humana), pois o problema está nos modos de utilização e apropriação desses "bens".

Claudia Teixeira, BRASIL

VOZES

"Uma das nossas propostas é a criação de um santuário intercontinental de florestas nativas ao sul do paralelo 40° - Gondwana. Esta proposta, respaldada por um número crescente de Ongs no mundo todo, implica na criação de um status de proteção definitiva para as florestas nativas mais austrais do planeta, e guarda relação direta com o "Santuário Internacional das Baleias", criado há poucos anos em todos os mares que se encontram ao Sul do Paralelo 40°. O objetivo desta "Área Natural Protegida Internacional" é preservar a enorme riqueza biológica que ainda existe nestes frágeis ecossistemas do hemisfério Sul, permitindo sua perpetuação para as futuras gerações, apesar da super-exploração irracional a qual foram submetidas durante o último século."

Alejandro Nebbia, ARGENTINA

"O 'Cinturão mundial de diversidade cultural e biológica do Paralelo Zero - Santuário Equatorial' tem por objetivo central a proteção da riqueza cultural e biológica da zona tropical da Terra. Para isto, o grupo de ONGs do Equador determinou a faixa entre os paralelos 1 Norte e 1 Sul como foco da campanha. A estratégia de ação já tem alguns de seus primeiros passos definidos: uma convocação ampliada a outras ONGs do país (Equador), para a apresentação do documento-base da proposta; em seguida, divulgá-lo e difundi-lo para organizações e governos dos países do Paralelo Zero - na América, África e Ásia; terceira etapa será a organização de um encontro mundial, em Quito, no solstício de 2002, quando o movimento deverá ganhar visibilidade internacional."

"Outras atividades estão sendo planejadas, como um concurso para a criação de uma logomarca, a participação do setor estudantil do Equador e o estímulo à pesquisa sobre a importância ambiental e cultural que os países tropicais representam para o equilíbrio mundial."

Luis Felipe Cesar, BRASIL

VOZES

"Estamos altamente motivados com a idéia de declarar santuário intercontinental de florestas no paralelo zero. Um grupo de trabalho está se formando no momento. Cremos que a idéia de lançar a declaração de um santuário de florestas no Equador terá o apoio institucional que necessitamos das diversas organizações ambientalistas e a boa vontade da comunidade internacional."

Carolina Mancheno, EQUADOR

PROPOSTAS

O QUE É SECUNDÁRIO PODE SER PASSÍVEL DE MANEJO SUSTENTÁVEL

1. Implementar uma política de uso dos bens florestais, baseada na planificação territorial, que incremente a interconexão de áreas naturais.
2. Respeitar as espécies nativas dentro dos sistemas florestais sem alterar sua composição, eliminando a produção florestal com espécies exóticas de rápido crescimento, que atentam contra a biodiversidade e promovem o uso de inseticidas e praguicidas.
3. Implementar políticas de reflorestamento progressivo em áreas agrícolas que se encontram em processo de empobrecimento.
4. Proibir o uso de praguicidas em florestas.
5. Aprofundar o conhecimento científico e resgatar o conhecimento dos povos tradicionais das florestas sobre seu uso sustentável.
6. Promover o uso de madeira eco-certificada para edifícios públicos - estabelecer um acordo com as autoridades públicas no sentido de requerer que 50 % das construções que financiam, direta ou indiretamente, sejam feitas de madeiras eco-certificada.
7. Cercar as unidades de conservação por áreas concêntricas, crescentes, para garantir o desenvolvimento de atividades humanas sustentáveis no entorno das áreas protegidas.
8. Estabelecer florestas gerenciadas de forma participativa, para atendimento de necessidade locais, em cada conjunto de cidades que tenham uma população maior que 250 mil habitantes.
9. Estabelecer proteções claras para hábitats e ecossistemas florestais.

SOBRE SUSTENTABILIDADE

A partir da divulgação do documento PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS PARA O MANEJO FLORESTAL² NA MATA ATLÂNTICA - FSC, diversos participantes da Rede se manifestaram sobre a sustentabilidade florestal. Transcrevemos a introdução do documento e, a seguir, os diversos comentários. As cores variadas ajudam a diferenciar os autores.

É amplamente aceito que os recursos florestais e as terras relacionadas com eles devam ser manejadas para suprir as necessidades sociais, econômicas, ecológicas, culturais e espirituais das gerações presentes e futuras. A crescente conscientização do público sobre a destruição e degradação das florestas tem levado os consumidores a exigirem que suas compras de madeira e outros produtos florestais não contribuam para esta destruição, mas ajudem a assegurar os recursos florestais para o futuro. Em resposta a estas exigências, proliferaram no mercado os programas de certificação por terceiros e/ou de autocertificação.

O FSC Florestal (Forest Stewardship Council, em inglês) Conselho para o Manejo é uma entidade internacional que credencia as organizações certificadoras, de modo a garantir a autenticidade de suas declarações. O processo de certificação começa por iniciativa voluntária por proprietários de operações florestais e responsáveis pelo manejo florestal. São eles que solicitam os serviços de uma organização certificadora. O objetivo do FSC é promover um manejo florestal das florestas do mundo de forma ambientalmente adequada, socialmente benéfica e economicamente viável. Isto é feito através do estabelecimento de um padrão mundial de Princípios de Manejo Florestal amplamente reconhecido e respeitado.

(Princípios e Critérios para o manejo Florestal na Mata Atlântica - FSC)

² Manejo Florestal – administração da floresta para obtenção de benefícios econômicos e sociais, respeitando-se os mecanismos de sustentação ambiental dos ecossistemas sob objeto de manejo.

VOZES

Em "manejo apropriado de recursos florestais" estão as palavras "manejo" e "recursos" ligando à atividade humana. A menos que se considere que a humanidade é só uma parte pequena da Natureza e que a preservação do valor é superior a do futuro da humanidade, "desenvolvimento sustentável" significa "busca da felicidade da humanidade de forma respeitosa à Natureza e preocupação com as gerações futuras". Qualquer definição que se esquecesse da humanidade leva a excluir qualquer atividade humana, i.e. qualquer manejo e qualquer consideração com recurso".

Bruno Cinotti, FRANÇA

"Sustentável é o que leva nossas florestas em direção das florestas primitivas que podemos observar no entorno, aumentando os estoques de carbono e a área de expansão dos processos biológicos e da biodiversidade."

André Vieira, BRASIL

"O uso de praguicidas destrói uma grande parte da fauna e flora associada com a floresta. Estes produtos, usados pela agricultura, causam efeitos nocivos prolongados, alimentando sistemas de produção que são crescentemente intensivos e frágeis"

"A madeira foi usada ao longo da história mas foi substituída por materiais mais "modernos". Restabelecer seu uso para edifícios públicos estimularia a indústria de madeira e promoveria o uso de um recurso ecológico."

"Parques naturais expressam uma visão de territórios fechados. O desenvolvimento sustentável requer ampliar concepções e impactos positivos em territórios circunvizinhos."

Olivier Rank, FRANÇA

"As florestas, como qualquer outro bem natural entendido como recurso, devem ser utilizadas de acordo com o consenso político da comunidade próxima e não depender de políticas nacionais ou de legisladores que não sabem nem onde estão as árvores. Em outras palavras, os processos de decisão e desenvolvimento local devem incluir a participação social da comunidade".

Alejandro Nebbia, ARGENTINA

VOZES

"Sob aspectos ditos técnicos e mesmo ambientais, acredito sim, com base na minha experiência profissional e em estudos feitos em diversos tipos de ecossistemas florestais em todo o mundo, que é possível produzir madeira de modo compatível com a manutenção dos processos essenciais dos ecossistemas florestais, incluindo a manutenção de sua estrutura básica, ao longo de grandes períodos de tempo."

"Já temos um conhecimento teórico e empírico razoável, que permitiria a exploração florestal em área de alto potencial madeireiro, e de baixa prioridade em termos de preservação, utilizando cortes seletivos, sob rotações de média-longa duração, com cuidados extras nas atividades de corte e extração, visando reduzir o impacto na vegetação remanescente, que inclui indivíduos mais jovens das espécies exploradas. Poderíamos ainda desenvolver métodos que combinem algum nível de exploração com a recuperação de áreas degradadas, ou em florestas secundárias (já exploradas, ou resultado de abandono de terras agrícolas), com o objetivo a longo prazo de recuperar, pelo menos parcialmente, as características estruturais e dinâmicas da floresta."

Cláudio B. de A. Bohrer, BRASIL

"Devemos estar atentos quanto ao uso das florestas. Vários aspectos devem ser avaliados ou ser criada uma comissão de avaliação. Em determinados locais o uso da floresta é válido na reprodução de essências farmacêuticas e alimentos para uso de uma determinada comunidade local. Porém a relação floresta x homem é bastante delicada, sendo necessário o controle desse uso, fato esse complexo em todos os aspectos. Os sistemas de Unidades de Conservação têm direcionado e de certa forma têm dado cobertura quanto ao uso sustentável ou somente pesquisa, etc. O uso da floresta necessita acompanhamento de pessoas que conhecem e estudaram o sistema como um todo."

Ciro Croce, BRASIL

PROPOSTAS

PROMOVER A CULTURA FLORESTAL

1. Reconhecer e assegurar os direitos legais e consuetudinários dos povos indígenas e outras comunidades locais.
2. Criar espaços de capacitação formal e não formal para toda a comunidade, onde possam ser capacitados políticos, engenheiros, técnicos, profissionais, docentes, estudantes, produtores rurais, a fim de re-valorizar a relação que existe entre a sociedade e a natureza com o objetivo de que aprendamos entre todos a conviver na floresta.
3. Promover e articular uma rede internacional de florestas urbanas protegidas.
4. Ampliar, através de campanhas junto à opinião pública, o reconhecimento da importância das florestas.
5. Desenvolver atividades que re-aproximem o cidadão urbano das florestas.
6. Criar condições para a gestão participativa de todo tipo de floresta (urbanas, primitivas, secundárias...).
7. Aumentar a presença de agentes de conservação para as áreas protegidas, que possam ensinar à população e assim esta possa respeitar e querer a natureza que a rodeia.
8. Não financiar projetos ou programas que contravenham acordos e tratados internacionais sobre direitos humanos e meio ambiente,
9. Melhorar as estratégias e as coalizões das "forças sustentabilistas" existentes dentro e fora da Amazônia e demais florestas primitivas, que estão presentes em todos os setores, e desenvolver práticas de lobby a favor da conservação da floresta.
10. Fazer vídeos e espetáculos temáticos, como canais por onde se pode transmitir o sentimento de pertencer à floresta.
11. Inserir História das Florestas nos currículos escolares.
12. Promover arte na floresta, por meio da utilização de espaços florestais para a realização de peças de teatro, pintura, dança, música e demais mostras artísticas.
13. Criar um portal na internet dedicado ao tema florestal, integrado ao website da Aliança.

14. Dar continuidade ao processo de discussão sobre o tema florestal, por meio da contínua atualização e aprimoramento do Caderno de Propostas, estabelecendo um fórum eletrônico permanente.
15. Promover a renovação da classe política através da campanha pelo "voto responsável" (Amazônia).

VOZES

"O papel da floresta está mudando rapidamente devido a pressão de um mundo crescentemente urbanizado. Uma vez vistas como berços da vida, elas são agora lugares para refrescar mente e corpo. Como esse papel pode ser dado em sua dimensão correta?"

"Os objetivos das florestas não podem ser definidos sem a participação da população local. Depois de tudo, estes cidadãos são os mais capazes de expressar suas necessidades por e com a floresta."

Olivier Rank, FRANÇA

"Vimos que as florestas, como qualquer outro bem natural entendido como recurso, devem ser utilizadas de acordo com um consenso político da comunidade próxima, e não depender de políticas nacionais ou de legisladores que não sabem nem onde estão as árvores."

"Em outras palavras, os processos de decisão do desenvolvimento local devem incluir a participação social da comunidade."

Alejandro Nebbia, ARGENTINA

"Os principais atores para resolver esta crise são os próprios povos das florestas e as comunidades que dependem da floresta para sua sobrevivência, que tem um conhecimento crucial para conservar e utilizar a floresta de forma sustentável. Os governos, organizações internacionais e ONGs devem trabalhar junto com esses povos, apoiando seus esforços e criando o entorno socioeconômico e político adequado para que possam continuar desenvolvendo seus estilos de vida, determinados por eles mesmos, e portanto assegurando a proteção das florestas."

Documento das ONGs e OPIs presentes no UNFF 1

VOZES

"Eu nasci numa província verde: esmeraldas, e é meu desejo devolver aquilo que está sendo usurpado... eu quero ver a minha gente crescer sabendo que são ricos pelo que têm: sua riqueza natural e por quem são: gente alegre."

Carolina Mancheno, EQUADOR

"Dentro da realidade da Amazônia, o fator humano deve estar no cerne do ideal de auto-sustentabilidade. Existe uma necessidade urgente de suprir a carência destas populações que sobrevivem abandonadas na floresta, após a derrocada do ciclo da borracha."

"A chave para tudo isso está em achar este novo modelo, injetar vida a essas novas células de auto-suficiência e regeneração do organismo combalido de Gaia, depois de tantos séculos de devastação. Caso contrário não sobrará quase nada para se discutir. Portanto, mãos à obra."

Alex Polari, BRASIL

"Cremos que uma rota segura para penetrar nos valores superiores do ser humano é através da beleza - apresentar a natureza às pessoas com toda sua beleza."

Como se faz isso? Partindo de si mesmo, contemplando a beleza e deixando-se levar por sua dinâmica. Ela comove e não fala da beleza estética, mas daquela que permite ver a criação tal qual é, de verdade.

Compartilho isso porque o técnico é algo que está a mão; mas no fundo, são poucos os que ascendem. Creio que neste milênio os projetos exitosos devem ter uma cota de inspiração e serão simples. Muitas vezes a técnica ou os técnicos complexificam as coisas para marcar um território de poder, mas os projetos devem ser simples para serem participativos. As pessoas se iluminam quando compreendem e se completa em cada uma a coerência interior; daí surge uma sensação que se traduz em: -"agora compreendo"!

Carlos Fuenzalida, CHILE

"A questão não é chegarmos a um desenvolvimento sustentado mas a uma sociedade sustentada. Precisamos construir um novo paradigma que garanta o futuro da Terra. É imperativa uma re-educação da humanidade. Sem ela, nenhuma das propostas apresentadas se sustenta."

*"E se tivéssemos que escolher...
E se, para que o planeta sobreviva,
Tivéssemos que nos deixar morrer?
E então?"*

Isabel de Andrade Pinto, BRASIL

PROPOSTAS

NOVO PARADIGMA ECONÔMICO

1. Avançar no rumo da equidade quanto à divisão dos benefícios econômicos, valorizando os trabalhadores de toda atividade florestal, garantindo um maior equilíbrio na distribuição das riquezas, para alcançar uma silvicultura sustentável.
2. Não pagar com as florestas como sumidouros de carbono ao excesso de contaminação que os países desenvolvidos têm provocado.
3. Discutir em igualdade, para resolver os problemas dos países desenvolvidos do norte com os países do sul, aceitando-se a dívida ambiental e moral que os primeiros têm com os segundos.
4. Não usar as florestas como moeda de troca de políticas de mecanismos de desenvolvimento limpo
5. Re-organizar toda a economia por princípios humanistas e ecológicos.
6. Re-contabilizar as dívidas externas, especialmente dos países em desenvolvimento, por seu caráter injusto e ilegal.
7. Não aceitar qualquer proposta de troca de dívidas monetárias por certificados de direitos de poluição para países credores.
8. Internalizar os custos ambientais nas contas (inter) nacionais.
9. Considerar ativo ecológico o que hoje é considerado passivo financeiro.
10. Criar uma reserva de valor ecológico que sirva como um novo padrão econômico monetário mundial, p ex: padrão Cristal Líquido.
11. Arrecadar um imposto (Taxa Tobim) em emissões de carbono fora de fronteiras nacionais.
12. Criar "Selo de Participação de Produtos Florestais" nos diversos produtos de consumo, para que os consumidores saibam a origem florestal do plástico, gasolina, móveis, carvão e outros.
13. Rejeitar o uso de nosso país, nosso solo, como um sumidouro de carbono (Argentina).
14. Chile e Argentina têm que estar na mesa de decisões sobre os mecanismos de desenvolvimento limpo.
15. Proibir a entrada de empresas multinacionais com projetos de produção que destroem nossos bens (Argentina).
16. Melhorar a Lei de Acesso a Recursos Genéticos (Brasil).
17. Incentivo a agrossilvicultura extrativista (Brasil).

VOZES

"Considerar como ativo ecológico aquilo que hoje é considerado um passivo financeiro. Esta é a questão que pode sensibilizar o coração e os bolsos das grandes potências e leva-las a um diálogo com os países que são ricos ainda neste aspecto."

Alex Polari, AMAZÔNIA

"...falar de sustentabilidade não significa ter a boa intenção de manter as florestas primitivas sem mudar o nosso pensamento, comportamento e valores."

"Também fico preocupada quando falamos em manter os estoques de carbono, mas continuamos andando de carro, sem a busca urgente de outras formas de energia. Como diz um ditado mexicano: "Entre el dicho y el hecho hay un gran trecho"

Rosângela Azevedo Corrêa, BRASIL

"A madeira é só uma mínima parte da floresta. Os valores da floresta não podem ser adequadamente expressados em termos monetários. Por esse motivo, os métodos de valoração devem levar em consideração os benefícios culturais, espirituais e sociais das florestas e o resultado dessa valoração holística deve formar a base para a tomada de decisões políticas ao respeito."

"No entanto, qualquer esforço dirigido à conservação das florestas e seu uso sustentável pode ser anulado pelas atuais tendências globalizadoras, nas quais o comércio se converteu em uma das principais ameaças a este esforço. Os impactos potenciais do comércio sobre a integridade das florestas e direitos dos povos das florestas devem ser urgentemente identificados e devidamente abordados."

"Para colocar em prática várias das soluções da atual crise das florestas é crucial destinar suficientes recursos financeiros. É imprescindível a colaboração entre o Norte e o Sul para conseguir que estes recursos estejam disponíveis."

Documento das ONGs e OPIs presentes no UNFF 1

PROPOSTAS

POLÍTICA FLORESTAL DO BANCO MUNDIAL

Recomendações do World Rainforest Movement / Movimento Mundial pelas Florestas sobre o documento intitulado "Uma Estratégia Florestal Revisada para o Grupo do Banco Mundial" (rascunho de julho de 2000).

1. reconhecer e ajudar a assegurar os direitos legais e consuetudinários dos povos indígenas e de outras comunidades locais; manter a proscrição do Banco Mundial sobre financiamento do corte em florestas primitivas tropicais úmidas e torná-la extensiva a todo tipo de florestas primitivas em não dar apoio a projetos e programas que possam provocar danos a essas florestas;
2. não financiar projetos ou programas que contrariem acordos e tratados internacionais sobre direitos humanos e meio ambiente; estabelecer proteções claras para os habitats e ecossistemas florestais; garantir a tomada de decisões informada dentro de um marco inclusivo, efetivo, transparente e participativo;
3. estabelecer mecanismos de participação efetiva para as comunidades locais e outros Grupos Principais em Programas Nacionais sobre Florestas, Planos de Ação sobre a Biodiversidade e outros projetos relacionados e apoiados pelo Banco, como o PROFOR; incluir regras operacionais claras e obrigatórias a seguir por parte do pessoal do Banco, com o fim de assegurar que os empréstimos nos setores não-florestais não sejam prejudiciais às florestas e àqueles que nelas habitam;
4. explicitar os requisitos mínimos, que os prestadores e os entes executores devem cumprir antes da aprovação dos empréstimos, que afetam as florestas e as comunidades que delas dependem;
5. reconhecer a controvérsia relacionada com o conceito e a prática do estabelecimento de plantação de árvores como bloqueadoras do carbono;
6. adotar um enfoque de precaução com respeito ao plantio de árvores bloqueadoras do carbono e não financiar tais projetos frente à inexistência de salvaguardas e acordos sociais e ambientais internacionais;
7. explicar conceitos e procedimentos chave [por ex., zoneamento de habitats críticos e outras áreas florestais de valor social e de conservação].

PROPOSTAS

A ONU E AS FLORESTAS

Dez Propostas de Ação Prioritária

Documento das ONGs e OPIs distribuído no UNFF 1 - junho/2001

Depois de vários anos de trabalho, o Painel Intergovernamental sobre Florestas (IPF, sigla em inglês), adotou, em 1997, uma série de Propostas de Ação para resolver a crise das florestas. As Propostas ainda estão presentes, mas é óbvio que falta a Ação. Um novo organismo - o Fórum Intergovernamental sobre Florestas - foi criado a seguir, com o mandato de por em prática tais propostas, porém seu trabalho começou e terminou com poucos resultados. O trabalho continua agora, no Fórum das Nações Unidas sobre Florestas, e não parece que muito mais tenha mudado. Nesse contexto, representantes de ONGs e de organizações de povos indígenas (OPIs), presentes na primeira reunião do novo organismo, em junho de 2001, insistiram na necessidade de por em prática os compromissos existentes e prepararam uma lista de dez propostas de ação do IPF que poderiam ser as mais adequadas para começar a resolver a questão da crise das florestas e como ser postas em prática. Eis as Propostas de Ação mais relevantes do IPF:

1. Alentou os países a que, no exercício de suas soberania nacional e de acordo com a situação específica de cada um deles e a legislação nacional, procedam a elaboração, execução, vigilância e avaliação de programas florestais nacionais - o que compreenderia uma ampla variedade de critérios para o planejamento da floresta sustentável - tomando em conta os seguintes elementos:

- compatibilidade com as políticas e estratégias locais, nacionais e subnacionais e, quando procedente, com acordos internacionais;
- mecanismos de associação e de participação nos quais intervenham os interessados;
- reconhecimento e respeito dos direitos consuetudinários e tradicionais de determinados grupos, entre eles as populações indígenas e as comunidades locais;
- um regime de seguro de posse da terra;
- critérios integrados, intersetoriais e interativos;
- métodos de proteção dos ecossistemas que integrem a conservação da diversidade biológica e o aproveitamento sustentável dos recursos biológicos, e abastecimento e

valorização adequados dos bens e serviços florestais (IPF, Proposta 17-a);

2. Alentou os países a que estabelecessem mecanismos e estratégias eficazes de coordenação nacional entre todos os interessados, sobre a base dos princípios da criação de consenso para promover a execução de programas florestais nacionais (IPF, Proposta 17-h);
3. Formular e aplicar, mediante um processo aberto e de participação, estratégias nacionais para fazer frente às causas básicas do desmatamento e, quando proceda, determinar objetivos normativos relacionados com a cobertura florestal nacional, como aportes à execução de programas florestais nacionais (IPF, Proposta 29-a);
4. Formular políticas que garantam a posse de terra às comunidades locais e às populações indígenas, entre elas, quando proceda, políticas que distribuam de forma justa e equitativa os benefícios derivados das florestas (IPF, Proposta 29-c);
5. Proporcionar informação oportuna, fidedigna e precisa sobre as causas subjacentes do desmatamento e da degradação florestal, quando necessário, assim como sobre as múltiplas funções das florestas, informação essencial para a compreensão desses problemas de parte do público e para a adoção de decisões pertinentes (IPF, Proposta 30-a);
6. Instar que os países que, ao executar seus programas florestais, adotem medidas para reabilitar e proteger conhecimentos tradicionais relacionados com as florestas, tomando em conta que a integridade da sobrevivência cultural das populações cujo modo de vida depende das florestas é uma condição fundamental para a proteção e a reabilitação eficazes dos conhecimentos tradicionais relacionados com as florestas (IPF, Proposta 40-d);
7. Solicitar que organizações competentes das Nações Unidas, e instituições financeiras internacionais, e outras organizações internacionais e comunidade de doadores que colaboram com países em desenvolvimento, tomando em conta seus programas florestais nacionais, determinem as necessidades desses países quanto a silvicultura sustentável, calculem os recursos necessários para financiar atividades destinadas a atender a necessidades; e localizem os recursos que esse países poderiam utilizar para lograr tais objetivos, incluída a AOD (IPF, Proposta 67-CMI);
8. Alentar os países a que dêem início a consultas com todas as parte interessadas em planos nacional, subnacional e local, a fim de determinar a ampla gama de benefícios que as florestas fornecem

às sociedades, tomando plenamente em conta o enfoque ecossistêmico (IPF, Proposta 89-h);

9. Alentar os países, em colaboração com as organizações internacionais, a que utilizem os métodos disponíveis para melhorar as estimativas de valor de todos os bens e serviços florestais, a fim de adotar decisões melhor fundamentadas sobre as conseqüências de outras propostas sobre programas florestais e planos de utilização de terras, tomando em consideração que a ampla gama de vantagens fornecida pelas florestas não se encontram devidamente cobertas pela metodologia atual de avaliação; e que a valoração econômica não pode ser um substituto para o processo de decisão política, que compreende a consideração de uma ampla gama de fatores ambientais, socioeconômicos, éticos, culturais e religiosos (IPF, Proposta 104-a);
10. Instar que os países e as organizações internacionais competentes estudem os efeitos ambientais, sociais e econômicos das medidas comerciais relacionadas com os produtos e serviços florestais (IPF, Propostas 128-a)."

TRANSVERSALIDADE

Florestas e comércio justo

Bernardo Reys

Os ecossistemas regionais não têm um limite físico exato, mas difuso, e cada um deles está afetando permanentemente e influenciando, e é influenciado, por outros. Como parte da biosfera, os ecossistemas de floresta cumprem uma única e insubstituível função. As alterações que sofrem, a redução de sua extensão, a erosão genética resultante do corte raso, da introdução de variedades comerciais e cultivos de transgênicos, entre outros, afetam seriamente a capacidade de carga e seu papel na ecosfera. Haverá menos retenção de carbono, menos biodiversidade para gerar a informação necessária para recuperação de áreas degradadas, ou para a recolonização ecológica de terras afetadas por fogos ou outros fenômenos naturais.

A floresta, como um reservatório de biodiversidade, como área "pára-choque" protegendo das intervenções humanas nesses ecossistemas ou em frente a própria variação climática do planeta e suas funções como área de influência dos climas globais, não é substituída por uma massa verde, de cultivos ordenados, seja para fins agropecuários, ou plantações de árvores. Sua função ecossistêmica está profundamente ligada ao "serviço ambiental" que ela provém e à capacidade para contribuir com recursos naturais para os sistemas produtivos que abriga, sendo essas economias, como a dos coletores de borracha seringueiros, ou de castanha do Brasil, ou as economias de subsistência das pessoas nativas e de recentes colonos. Especialmente, como "lugar de vida", a floresta é um espaço que dá à humanidade informação, produtos, serviços ambientais e inspiração.

São exatamente estas economias, de pequena escala, de usuários novos e colonos aprendendo o processo e adaptação a estes ecossistemas, sem radicalmente os transformar, as que nos articulam com o comércio justo. Também essas economias das tribos das florestas, muitos delas ainda autônomas, e fechadas, mas especialmente as que são articuladas com a produção de excessos de cacau, de café, de mandioca, frutas variadas, de ervas medicinais, de resinas de árvores e plantas, fibras vegetais, etc., que dão relevância das florestas para o comércio justo.

Um exemplo para entender como o comércio justo se articula na floresta, as economias de pequena escala, sem depredar o território, contra a opção dessas mega intervenções do mercado. O "sangue de drago", um

produto medicinal freqüente na área de floresta do Peru e da Amazônia. Este produto é usado na medicina tradicional por séculos para curar úlceras, inflamações das amídalas, e até mesmo para feridas superficiais e acne, não deixou de ser acessível a preços razoáveis e para múltiplos mecanismos de transporte e abastecimento que caracterizam a economia popular. Até mesmo sua acusação e comercialização não foi monopolizada por esses grandes laboratórios de farmácia. Por outro lado, a famosa "Unha de Gato", ou por nome científico, a Uncaria tomentosa, ganhou fama e renome mundial.

O efeito net (líquido) tem sido especialmente usado por laboratórios grandes e sua depredação virtual em áreas de floresta acessível para as redes de comércio. Quer dizer, enquanto a comercialização de grande escala não impõe uma demanda pesada em sistemas cujo fragilidade e capacidade de regeneração é lenta e não reconhecidas como um restritivo para os mercados, não há um efeito pernicioso, nem depredação. Pelo contrário, a demanda excessiva e a reação de sistemas não articulados nem aos sistemas produtivos nem à restrição ecológica, impõe um deterioração e uma extinção eventual das mesmas fontes de bem-estar ou saúde.

Deste modo, o comércio justo, no que se refere a essas áreas de floresta, deveria ter particularmente cuidado, em investigar os efeitos atuais e potenciais da criação de redes de comercialização de produtos da floresta, com o propósito de não enfatizar sua degradação, e especialmente de fortalecer as economias locais, tirando proveito somente dos excessos de produtos que esses ecossistemas e as comunidades locais podem gerar em bases para suas próprias habilidades tecnológicas e em acordo com a capacidade de carga desses ecossistemas.

TRANSVERSALIDADE

Florestas e dívida externa

Marcus Azaziel, BRASIL

É necessário re-organizarmos toda a economia por princípios humanistas ecológicos. Neste sentido, a equidade entre países deve ocorrer por meio de projetos de cooperação nos quais as dívidas externas, especialmente dos países em desenvolvimento, sejam re-contabilizadas (por seu caráter injusto e ilegal, conforme os direitos nacionais e o direito internacional- Pinaud, 1992). Não deverá ser aceita qualquer proposta de troca de dívidas monetárias por certificados de direitos de poluição para países credores. A economia monetária deve estar a serviço da ecologia e não o contrário, senão à ecologia é quem perderá e, com esta, todas as pessoas.

Todos os tipos de custos ambientais devem ser internalizados nas contas (inter)nacionais e cláusulas sobre avaliação de impactos ambientais e segurança ecológica devem constar nos contratos de financiamento ao desenvolvimento social. O que atualmente é considerado passivo financeiro poderá passar a ser ativo ecológico se o país em questão preservar a vida em suas reservas naturais de valor (florestas, neste caso, mas também pessoas por meio de políticas governamentais cooperativas de desenvolvimento social (especialmente em saúde e educação), com geração de empregos e conservação dos recursos naturais (atmosfera, oceanos, florestas e seres vivos em geral).

TRANSVERSALIDADE

Florestas e energia

Mycle Scheider

A relação direta imediata entre floresta e energia é uso combustível da madeira. A madeira continua sendo uma fonte muito substancial para cozinha e aquecimento em muitas regiões do mundo. A crise da Agricultura em muitos países da África levou os pequenos fazendeiros a abandonarem suas terras, o que contribuiu para o rápido crescimento das cidades. O combustível é freqüentemente trazido para a cidade na forma de carvão, um uso muito ineficiente da madeira, que tem que ser transportado por longas distancias (o que consome muita energia novamente...).

Mesmo num país como a França, a madeira é uma fonte substancial de energia, pois muitas casas (provavelmente uns 20%) ainda têm fogões à lenha e usam a madeira como fonte secundária de aquecimento. Em termos mais gerais, a madeira vem sendo usada de várias formas, assim como outra biomassa. O aquecimento urbano e as usinas termoelétricas, por exemplo, funcionam a custa da exploração das florestas ou sobras de madeira. A Áustria tem uma parte significativa de usinas de biomassa.

Finalmente, a madeira é uma importante fonte de energia no contexto do debate sobre Mudanças Climáticas, tendo em vista o ciclo do carbono (CO^2), liberado na atmosfera através da combustão, e absorvido e armazenado pelas florestas.

TRANSVERSALIDADE

Florestas e mulheres e economia

Manon Boulianne

Em resposta à questão, o que imediatamente me vem à mente se refere ao tempo e aos trajetos percorridos diariamente pelas mulheres do meio rural, em vários países do sul, para a obtenção de madeira necessária para o preparo das refeições, pelas quais são responsáveis. Quanto mais as florestas se distanciam e mais pioram os desmatamentos, maior e mais pesada se torna a tarefa. O trabalho de coleta de diferentes produtos da floresta, comida, frutas ou plantas medicinais também é produzido pelas mulheres desde tempos imemoriais.

Uma boa pergunta!

Cécile Sabourin, Canadá

Posso dizer que durante a oficina de trabalho "mulheres e economia" este tema não foi discutido. As mulheres estão ocupadas e preocupadas com outras coisas. Isto não significa que a floresta não seja parte de suas vidas, mas sim que o tema estava ausente nos debates. Por outra parte, falamos da produção, e da sua "valorização" através do PIB (o produto interno bruto). Que melhor exemplo das aberrações nas metodologias de cálculo da contabilidade nacional do que essa imagem de árvores mortas traduzidas em dólares, considerando que uma bela floresta nada vale. As riquezas naturais não são tomadas em conta, a menos que sejam destruídas e utilizadas com êxito. Neste sentido, valeria a pena desenvolver o hábito de "dar valor" (*mise en valeur*) com preocupação pelo "capital inicial", caso em que uma bela floresta geraria saúde e bem-estar coletivo.

A floresta de Québec (Canadá) é mais que tudo um recurso natural explorado, mal explorado, a não mais poder - segundo os mais conscientes. A história dessa exploração é conhecida, mas não suficientemente "conscientizada" para que dela se tirem algumas lições. Quando pensa nessa exploração em relação às mulheres, o que logo me vem à mente é que no princípio do século, e provavelmente no século passado, as mulheres eram "viúvas" em função da exploração florestal. Quando os homens partiam para cortar as florestas mais distantes, as mulheres ficavam com as crianças, freqüentemente ocupadas com os afazeres das fazendas, responsáveis por toda a vida diária durante os longos meses do inverno. Essa geração de mulheres fortes mantinham a vida nas regiões onde se exploravam as

florestas. Sua força, coragem - e sua solidão - tem sido contada e cantada por nossos artistas. Esse trabalho, porém, não tinha nenhum "valor econômico."

A floresta que alguém luta para conservar é, presentemente, um objeto de debate político no qual interesses e pontos de vista de diferentes grupos se expressam de formas bastante desiguais.

Para mim, diariamente, desde há cerca de vinte anos, a floresta está presente na hora de dormir de um modo tão evidente e imediato, que às vezes nem mais tomo consciência dela. Está integrada na minha vida. Mas há momentos durante o dia em que a floresta retoma toda a sua importância: na jornada para e do espaço de trabalho. Os 15 quilômetros que dirijo no meio de um ambiente rural onde os campos se alternam com a floresta, são momentos que sinto muito conscientemente como essenciais ao meu bem-estar. Eles formam uma tela entre o mundo exterior e a intimidade. Um trajeto de metrô ou dirigir na cidade poderia produzir o mesmo efeito? Quem sabe? Os parques seriam, provavelmente, desse ponto de vista, essenciais à vida urbana.

TRANSVERSALIDADE

PROPOSTAS DOS JOVENS DA AMAZÔNIA - Guardiões da Floresta

"A mais recente taxa de desmatamento na Amazônia passou de 17.259 km² (de agosto de 1998 a agosto de 1999) para 19.832 km² (mais 14,9%) no período até agosto de 2000.

O Brasil dispõe de nada menos que 18% da biomassa florestal do planeta (um terço está na América do Sul), com a vantagem adicional de ter 172 m³ de madeira por hectare, enquanto a média mundial é de 126 m³/hectare, e 128 toneladas de biomassa por hectare, enquanto a média mundial é de 92 toneladas. Com isso dispomos de 3,2 hectares de floresta por habitante, enquanto a média mundial é de 0,6 hectare por pessoa.

Pesquisa feita há pouco pelo Instituto de Estudos da Religião - ISER e Fundo Mundial para Vida Silvestre - WWF, revelou que a conservação da floresta é a prioridade número para os amazônidas." (com base no artigo "Privilégio desperdiçado" de Washington Novaes)

Como parte das atividades da Rede de Florestas na Amazônia, no dia 8 de outubro de 2001 realizamos um encontro com 23 alunos da Escola CRUZEIRO DO CÉU, no Céu do Mapiá, Estado do Amazonas, Brasil. Os alunos listaram ações prioritárias para a conservação da floresta:

1. Reflorestar as áreas já desmatadas, com ênfase ao plantio de agroflorestas, espécies frutíferas e recuperação de mata ciliar dos igarapés.
2. Preservar as florestas primitivas existentes e tudo o que estiver ao alcance.
3. Conhecer a floresta, organizando caminhadas junto com os mateiros da região, que detém o conhecimento tradicional e prático sobre a floresta e seus habitantes.
4. Conhecer para utilizar sem destruir.
5. Criar os Guardiões da Floresta: formar grupo de jovens "de todas as idades" para implementar as propostas acima, a partir da formação em meio ambiente. Serão contatadas instituições públicas como o Ibama e a Prefeitura de Pauini, além dos próprios mateiros, para iniciar a preparação do grupo. O grupo também deseja conhecer outros grupos, especialmente aqueles que atuam nas fronteiras florestais do Norte (Canadá e Rússia) e Patagônia.

EXPERIÊNCIAS

Proteção de 4.000 ha. de florestas, campos de altitude e mananciais em Matutu, Serra da Mantiqueira, Brasil

A Comunidade da Reserva Matutu é um grupo de 150 pessoas, quase todas de origem urbana, que vivem de forma comunitária. Sua principal fonte de renda é a produção e venda de artesanato. Este grupo criou a Fundação Matutu, que é proprietária de 4.000 ha. de terras em ecossistema de montanha no bioma Mata Atlântica Brasileira. A Fundação desenvolve atividades de proteção do ecossistema, composto por campos de altitude, florestas tropicais de altitude (1.500-2.000 m. A.N.M.), com a presença destacada de candeia e araucária (*Araucária angustifolia*). A proteção é feita por meio de uma brigada de prevenção e combate a incêndios florestais, reflorestamento com araucárias, vigilância diária em motocicleta e participação em campanhas educativas realizadas nos povoados vizinhos.

A Comunidade da Reserva Matutu estabeleceu um novo modelo de ocupação de terras em áreas de montanha, que faz com que a presença humana represente um impacto positivo no ecossistema. Ao mesmo tempo são realizadas atividades de reflorestamento com espécies autóctones, como a araucária. Uma brigada de prevenção e combate a incêndios florestais promove vigilância diária em motocicleta e participa de campanhas educativas realizadas nos povoados vizinhos.

A experiência da Fundação Matutu é um exemplo de organização comunitária ambientalmente sustentável, que indica uma opção concreta para a ocupação de ecossistemas de montanha, uma vez que possibilita um modo de vida com elevada qualidade, concomitante com um reduzido padrão de consumo e baixa pressão sobre os recursos ambientais.

Contato: Guilherme França (fundacao@matutu.org.br)

Coleção Vozes da floresta de Educação Ambiental - Chile

A coleção de guias para docentes Vozes da Floresta faz parte do programa de educação ambiental desenvolvido pela ONG "Defensores del Bosque Chileno". Livros para bibliotecas, manuais práticos para a reprodução de espécies nativas, livros coloridos para a infância, cartazes didáticos, cassetes com música e sons da floresta chilena, são os materiais que fazem parte deste Programa, cuja motivação principal são as florestas do Chile.

No marco deste projeto, centenas de professores estão sendo capacitados. Milhares de crianças e jovens realizaram excursões ecológicas a florestas nativas; e as comunidades desenvolveram projetos práticos de arborização ou de recuperação ambiental, ademais de participação em atividades, exposições e outros eventos públicos.

A iniciativa também integra o esforço internacional pela criação do Santuário Intercontinental das Florestas Nativas ao Sul do Paralelo 40 - Gondwana.

Vozes da Floresta é uma iniciativa que resgata o valor das florestas numa das sociedades que mais destruíram suas florestas e que, ao mesmo tempo, ainda detém importantes remanescentes de florestas primitivas de inestimável riqueza. O caráter de transversalidade temática da coleção contribui para inserir o tema nas distintas disciplinas escolares e formar jovens com uma nova mentalidade.

Contato: Malu Sierra - Defensores Del Bosque Chileno
(bosquech@entelchile.net)

Plano Piloto: Desenvolvimento Florestal Sustentável - México

O estado de Quintana Roo, no México, uma organização composta por 16 povoados está cultivando 360.000 hectares de floresta subtropical úmida para beneficiar seus membros e, ao mesmo tempo, preservar a floresta. Do total da área de floresta, 150.000 hectares são reservados fundamentalmente para produção permanente de cedro e caoba. Depois de negociar com as empresas madeireiras, os participantes -- 3.000 em 1991 -- começaram a trabalhar os troncos, o que agrega valor ao produto e dá às comunidades um lucro maior do que a simples extração da madeira em bruto.

Antes do manejo da floresta, as comunidades residentes não obtinham nenhum benefício das operações de corte. Agora, os participantes trabalham para manter a floresta natural, realizando o corte em ciclos de 25 anos, o que permite que as espécies nativas se regenerem; e incrementam a proporção de cedro e de caoba mediante a semeadura enriquecida. Depois de oito anos, as comunidades já estão vendo uma boa

regeneração da floresta natural, juntamente com lucros e incentivo para continuar com o seu bom trabalho.

Temas e Problemas da floresta - *Projeto educacional e editorial coordenado pelo Projeto Lemu e financiado pelo Ministério de Educação da Argentina*

O livro é dedicado à floresta andinopatagônica, vista por um expedicionário no começo do século XX, que destaca a ação do gado, o efeito do fogo nas florestas e a competição biológica. Os temas abordados são: a floresta entendida como um ecossistema complexo; as florestas e a relação delas com a vida na terra; como foram formadas as florestas andinopatagônicas; as ameaças à biodiversidade da floresta; a situação atual das florestas no mundo; o conceito das fronteiras florestais; propostas para o presente e futuro das florestas.

O objetivo é mostrar como a floresta era habitada em princípios do século XX, quando a região ainda não tinha sido povoada pelos colonizadores de origem européia. O olhar através da história é útil para entender o processo de ocupação dos espaços florestais e como se dá essa relação com a floresta através das gerações. O livro também apresenta alternativas para a utilização da floresta por meio da silvicultura responsável.

Contato: Alejandro Nebbia (pueloneb@red42.com.ar)

Projeto Lemu

O projeto Lemu é uma iniciativa nascida no Vale de Epuyen em 1990, e tem como objetivo básico a proteção e reavaliação das florestas nativas andinopatagônicas. As ações realizadas para alcançar esse objetivo são divididas em quatro ramos principais:

1. Conscientização da população, através do material didático. Histórias para crianças, textos para pedagogos, manuais, jogos didáticos, separadores de televisões, cassetes musicais, informes, calendários, folhetos, guias, documentos, etc.
2. Educação dos estudantes e docentes de todas as escolas rurais da bio-região cordilheirana, com um intenso programa didático que inclui o tema floresta a partir de um ponto de vista que integra todos os aspectos sociais, ecológicos e econômicos da bio-região patagônica.

3. Estímulo e promoção para criar viveiros de árvores nativas em todos os estabelecimentos educacionais da Patagônia.

4. Trabalho com o manejo de florestas e as legislaturas provincianas para a criação de novas áreas naturais protegidas e para a ampliação das já existentes, por meio de corredores biológicos de conexão e interconexão que tendem à concreção do Santuário Intercontinental de Florestas ao Sul do paralelo 40.

Contato: Lucas Chiappe (lemu@elbolson.com)

Canteiro de Capacitação "Nós e a floresta nativa"

Esta proposta foi realizada em 1996 como experiência prática depois da publicação do livro *Aprender com a Floresta - texto para professores*. Como parte do mesmo canteiro de capacitação realizaram-se várias atividades, como a plantação de cerca de 100 árvores nativas nas ruas de El Bolsón e Lago Puelo e se realizaram distintas viagens de conhecimento da floresta, no Parque Nacional Lago Puelo e na reserva Provincial la Casada Escondida, em Mallin Ahogado. Trabalhou-se no viveiro do município de Rio Preto com sementes de árvores nativas. Grupo de professores em artes plásticas participaram do projeto para representar o que foi vivenciado.

Contato: Alejandro Nebbia (pueloneb@red42.com.ar)

Florestas urbanas

As cidades de Taubaté (SP) e Piraí (RJ) possuem, respectivamente, o Parque Monteiro Lobato e o Parque Florestal da Mata do Amador, ambos destinados a atividades de educação ambiental e conservação florestal. Além disso, São Paulo possui o Parque Trianon, em plena Avenida Paulista, a cidade do Rio de Janeiro abriga a maior floresta urbana do mundo, situada no Parque Nacional da Tijuca e na cidade de Volta Redonda, no sul do Estado do Rio de Janeiro, existe a Floresta da Cicuta, considerada Reserva da Biosfera pela Unesco. Em Manaus (AM), o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) abriu para o público o Bosque da Ciência, para ser usado em educação ambiental e servir como espaço de lazer para a população local e turista. Em Belém (Pará) a Escola Bosque desenvolve seu currículo escolar totalmente vinculado à floresta do entorno.

Contato: Luis Felipe Cesar (felipe@crescentefertil.org.br)

Comunidades e Florestas

Em Santarém (Pará) o projeto Saúde e Alegria estimula e resgata a participação da comunidade local no manejo florestal. Na Reserva Chico Mendes, no Acre, seringueiros e técnicos buscam alternativas para a extração sustentável de produtos não madeireiros da floresta. No Estado do Amapá, o poder público vem estimulando o desenvolvimento de projetos participativos de manejo florestal. A Rede de Monitores Ambientais do Vale do Ribeira (REMA), em São Paulo, busca criar alternativas econômicas para região, principalmente através do ecoturismo. A Fundação Matutu, na Serra da Mantiqueira de Minas Gerais, protege extensa área de matas e campos de altitude e possui uma brigada voluntária de combate a incêndios florestais. No Céu do Mapiá (Amazonas-Brasil), 600 pessoas vivem em busca permanente da sustentabilidade, dentro de uma floresta com mais de 400 mil hectares.

Contato: Luis Felipe Cesar (felipe@crescentefertil.org.br)

Estratégias para Proteção de Florestas

Ancient Forest International (AFI) é uma ONG dos Estados Unidos que tem como estratégia para preservar florestas primitivas a compra de terras na América do Sul e em outras partes do mundo. A compra das terras acontece juntamente com o desenvolvimento de projetos de apoio econômico de longo prazo às comunidades vizinhas, como forma de garantir a participação dos moradores locais na preservação da floresta. Do mesmo modo, uma comunidade pode desenvolver uma estratégia inovadora por restabelecer seus ambientes naturais e ganhar com aquele trabalho, mas se o refúgio selvagem não estiver protegido a iniciativa dificilmente terá sucesso.

A compra de florestas para preservação da biomassa e da biodiversidade é uma ferramenta efetiva - uma "aplicação de dólares em conservação". A criação de rede de reservas privadas provoca um efeito moral de conservação que se espalha nas comunidades circunvizinhas, incrementando esforços já iniciados pelos proprietários de terras e comunidades, no sentido de cuidar sabiamente de suas terras.

Em termos de aquisições no Chile e Equador, sabe-se que estrangeiros que compram terras numa região podem causar ressentimento, como também elevação de preços de terra. Por isso, os esforços da AFI se focalizam em parcerias com organizações locais. AFI considera que depois de década conduzindo o mundo para o consumo, poluição, e ameaças aos ecossistemas, os habitantes dos EUA deveriam assumir a responsabilidade e iniciativa para ajudar outras nações a proteger os seus tesouros naturais.

Contato: Ancient Forest International

Adote uma árvore na Terra do Fogo

Ecologistas sul americanos lançaram uma campanha para comprar as florestas da Terra do Fogo na divisa entre o Chile e Argentina, de propriedade da Trillium Corp., baseada em Bellingham, EUA,. As ONGs Defensores del Bosque Chileno, do Chile e Finis Terrae, da Argentina, lançaram a campanha "Adote uma árvore na Terra do Fogo", com um concerto em Bellingham. Os ecologistas disseram que a meta deles é convencer a Trillium de vender as florestas que possuiu na ilha de Terra do Fogo desde a metade dos anos 90.

A idéia é fazer as florestas da Trillium parte de uma área protegida intercontinental, conhecido como Gondwana, que incluiria terras em diversos países ao longo do Hemisfério Sul. O programa "Adote uma árvore" pede de \$25 a \$1,000 de doadores. Grandes ONGs, como Ancient Forests International, estão tentando levantar dinheiro de doações. Os ecologistas dizem que não estão seguros quanto a quantia necessária, mas eles suspeitam que será mais que os \$30 milhões que a Trillium pagou por seu primeiro naco da floresta da Terra do Fogo, em 1993. A Trillium possui mais de 840,000 acres da ilha, só menos que dois-terços do tamanho de todo Município de Whatcom. A maioria da propriedade da companhia está no Chile, entretanto aproximadamente 170,000 acres estão na Argentina.

Finis Terrae organizou uma campanha que enviou mais de 3,000 e-mails aos escritórios de Trillium em Bellingham, pedindo para a companhia não derrubar árvores na Terra do Fogo.

Contato: - Defensores Del Bosque Chileno (bosquech@entelchile.net)

Carvão ecológico

Na área rural de Morogoro, na Tanzânia, África, os principais combustíveis são a lenha e o carvão, feito muitas vezes com árvores nativas. Por isso, há muitas áreas devastadas. O professor Yohana Komba, junto com seus colegas e alunos, desenvolveu na região um conjunto de atividades que mostram que é possível, através da cooperação, recuperar áreas degradadas.

O grupo acabou descobrindo uma mistura feita de pasta vegetal, cinzas, sobras de capim e barro que funciona como carvão vegetal. Esse combustível, feito sem dano para a biodiversidade local, gera calor, não produz fumaça e não deixa resíduos tóxicos. Essa experiência nos mostra que, com imaginação, é possível encontrar formas de evitar o constante desmatamento a que são submetidas as florestas do mundo:

Contato: Yohana Komba, Tanzânia, África.

Manejo Florestal na Amazônia

Até 1990, existiam poucas experiências de manejo florestal em andamento na Amazônia. Nessa década, O Imazon - Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia - iniciou um projeto piloto de manejo florestal buscando conciliar as atividades de pesquisa aplicada e a extensão florestal. Realizado em parceria com uma empresa madeireira de Paragominas, no Pará, o maior pólo madeireiro do Brasil, o trabalho foi conduzido na propriedade de uma serraria local, em duas parcelas vizinhas: uma sujeita a práticas de exploração sem planejamento e a outra sob regime de manejo florestal.

O estudo revelou as vantagens do manejo florestal. Os resultados mostram que o manejo florestal pode resultar numa duplicação da produção em diversas situações. Nesses casos, as serrarias requereriam apenas a metade da área de floresta que utilizam hoje para suprir suas necessidades de matéria-prima. O manejo florestal também garante a manutenção de populações saudáveis de árvores matrizes das espécies comerciais nas áreas de extração.

O projeto do Imazon tem atuado como catalisador e colaborador de iniciativas promissoras de manejo florestal na Amazônia. A Fundação Floresta Tropical está replicando o modelo em outras áreas da Amazônica. A empresa madeireira Precious Wood está operando um projeto de manejo em escala comercial. Existem iniciativas de manejo florestal comunitário,

envolvendo ONGs e populações locais, nas regiões de Machadinho do Oeste (RO), Carajás (PA), Altamira (PA), Marabá (PA) e outros municípios. Além disso, o Instituto Sócio-Ambiental (ISA), em parceria com a associação Bep-Noi dos índios Xikrins, está iniciando um projeto -piloto de manejo florestal na reserva Cateté, no sul do Pará.

Fonte: Amaral, P. e T. Corrêa, 1997. Extensão e educação florestal na amazônica oriental: o caso do projeto-piloto de manejo florestal.

A Colina Trabalha pela Colina

A Colina é um bairro rural localizado na Serra da Mantiqueira, a 1600 m de altitude, no entorno do Parque Nacional do Itatiaia, sudeste do Brasil. Desde 1999, desenvolve atividades com a comunidade que incluem desde oficinas educativas com jovens e crianças até a construção em mutirão de um viveiro de mudas. A maior parte do trabalho tem sido realizada de forma voluntária, mas atualmente conta com financiamento da Fundação Luterana de Diaconia. Os recursos estão sendo investidos em atividades com os jovens e crianças e no apoio ao desenvolvimento de produtos diferenciados e ecológicos - tais como tecelagem, artesanato, produção de mudas, mel - que possam ser comercializados em base a critérios de comércio justo. O objetivo, em longo prazo, é buscar a sustentabilidade na relação entre o ser humano e a montanha.

Contato: Isabel de Andrade Pinto (isabel@transmineral.com.br)

Núcleo Regional de Unidades de Conservação - Nuruc

A criação recente do Núcleo Regional de Unidades de Conservação, vinculando várias parques nacionais, reservas, estações ecológicas, áreas de proteção ambiental e áreas de relevante interesse ecológico, tem contribuído significativa e gradativamente para o melhor desempenho destas unidades através de aportes de flexibilidade, autonomia e agilidade administrativa. Esta experiência tem produzido resultados que serão de extrema valia para o processo de discussão e identificação de condições para a administração do sistema nacional de unidades de conservação do Brasil.

Desde a criação da primeira unidade de conservação brasileira, o

Parque Nacional do Itatiaia, em 1937, poucas tentativas foram implementadas no sentido de dar aprimorar a instância organizacional das unidades de conservação. Nos últimos anos as unidades de conservação da natureza vem sendo administradas sob o enfoque da administração burocrática clássica o que não vem atendendo as necessidades do dia-a-dia dessas unidades e das exigências cada vez maiores da sociedade com respeito a proteção ambiental.

Os Núcleos Regionais de Unidades de Conservação da Natureza que vem sendo criados seguem estão embasados nos métodos modernos do desenvolvimento organizacional participativo. Tanto é assim, que o primeiro núcleo foi criado após fase de experimentação e de funcionamento prático em um período de um ano, quando ocorreram fases de desenvolvimento do pessoal envolvido no gerenciamento das unidades envolvidas, estabelecimento de procedimentos administrativos com incorporação de novas tecnologias, definição do relacionamento inter e intraorganizacional, a implantação da gerência participativa e de objetivos voltados para o usuário final: a sociedade. Só depois destas fases iniciais é que foi criado a primeira unidade: o Núcleo Regional de Unidades de Conservação - NURUC - Teresópolis, constituído de 12 Unidades de Conservação Federais, vinculadas ao IBAMA.

Contato: Jovelino Muniz de Andrade Filho, Chefe do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Ibama, Brasil

Integrando ações na Serra da Mantiqueira

O objetivo desta experiência é articular e integrar iniciativas comunitárias em desenvolvimento na Serra da Mantiqueira e potencializar seus resultados, por meio da realização de atividades de educação ambiental, reflorestamento com espécies nativas e comunicação. A iniciativa é da ONG Crescente Fértil, envolvendo diretamente as comunidades de Visconde de Mauá, Serrinha, Colina, Matutu e Campo Redondo. Um dos resultados esperados é a formação de uma rede de 50 monitores ambientais jovens.

A Serra da Mantiqueira é uma área protegida federal (APA) destinada a compartilhar a proteção dos recursos naturais da região com o desenvolvimento social e preservação da cultura local. Situada entre as três maiores cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte), a APA circunda quase completamente o Parque Nacional do Itatiaia, o primeiro a ser criado no Brasil, no ano de 1937.

Este projeto obterá resultados locais e regionais na medida de sua implantação. Na esfera local, cada comunidade participante passará a contar com um grupo de doze Monitores Ambientais Jovens, capacitados para atuarem de forma cidadã na defesa do meio ambiente local, inclusive multiplicando seu conhecimento através de terceiros, turistas ou moradores.

Ainda no âmbito local, cada localidade receberá mudas de araucária e outras árvores nativas, cujo plantio irá contribuir para o aumento da área florestada e a articulação dos moradores através do reflorestamento de espécies autóctones. Está prevista a troca de sementes de araucária como estratégia para aumentar a diversidade genética da espécie.

Regionalmente, o principal resultado é a integração social a partir do fortalecimento das relações humanas, construídas durante as vivências. Além disso, o projeto insere as comunidades rurais da região e todos os demais parceiros no esforço global de proteção dos ecossistemas de montanha e ampliação das áreas florestadas do planeta, no contexto da Agenda 21.

Contato: Ednilda Bayde Teixeira - ednilda@terra.com.br

CONCLUSÃO

As propostas contidas neste caderno expressam o conteúdo humano e técnico de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o tema florestal. Apesar da diversidade de idéias, e eventuais contradições, há um pedido comum de urgência por uma nova atitude mundial com relação às florestas, especialmente aquelas que ainda se encontram em estado primitivo. A triste história das florestas e a desconfiança provocada pelos modernos "planos de manejo sustentável" tende a fortalecer uma atitude reativa que leva a não se tocar mais nas áreas ainda intocadas - ou muito pouco alteradas.

A relação entre as florestas e as políticas macroeconômicas mundiais também é evidente. A distância entre os discursos e as práticas, em distintos níveis, é quase escandalosa.

A descoberta de novos valores relacionados às florestas pode ser um indicativo que aponte para novas possibilidades de convivência entre a humanidade, as árvores e todos os seres e elementos que aqui se encontram em profunda aliança. Os povos nativos certamente têm um papel estratégico na construção de uma nova lógica. E à humanidade como um todo caberá visualizar e tornar real um futuro que reverta a história de mais de 6 mil anos de desaparecimento das florestas - desaparecimento que sempre foi acompanhado pela perda da qualidade de vida.

As experiências bem sucedidas e os bons exemplos são muitos. Muitos mais, inclusive, do que os descritos neste documento. A continuidade da troca de idéias e experiências faz-se fundamental para sua multiplicação, assim como a consciência de que a construção de novos valores não responde somente a uma tentativa de salvar as florestas, mas de resgatar a humanidade. Portanto, mãos à obra por uma cultura florestal.

Qualquer outra coisa será ferir a nossa consciência.

PESSOAS

Organização

Luis Felipe Cesar e Isabel de Andrade Pinto

Tradução espanhol-português e revisão

Waldo Aranha Lenz Cesar

Traduções do Fórum Eletrônico

Kiria de Carvalho Rocha

Pesquisa de experiências

Ednilda Bayde Teixeira

Desenho da capa

Paula Palhares de Polari Alverga

Agradecimentos: A todos e todas que ajudaram e que amam árvores e florestas, em especial Beth Grimberg, Manola Rauss e aos participantes do fórum eletrônico Rede de Florestas.

Participantes - lista restrita aos que enviaram seus dados

Alejandro Raul Nebbia, professor
Asociación Trabajadores de la Educación
Lago Puelo - Argentina
pueloneb@red42.com.ar

Alba Simon, bióloga - mestranda em Ciência Ambiental - UFF
Rio de Janeiro - Brasil
simon@microlink.com.br

Alex Polari de Alverga
IDA/CEFLURIS-Instituto de Desenvolvimento
Ambiental Raimundo Irineu Serra
Mapiá - Amazonas - Brasil

Alexandre de Gusmão Pedrini, biólogo, mestre e doutor
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Amelia Esbérard de Niemeyer, professora de geografia
Rio de Janeiro - Brasil
aniemeyer@uol.com.br

André Vieira Ramos de Assis, eng. Agrônomo
Bocaina de Minas - Brasil
andrevra@bol.com.br

Andrés Yara Cortés
Censat Agua Viva - FoE Colombia.
Amigos de la Tierra (FoE)
Santafé de Bogotá/Colômbia

Bernardo J.J. Reyes, biólogo MA
Programa de Economia Ecológica / Instituto de Ecologia Política
Santiago - Chile
economiaecologica@iepe.org

Dr Bruno Cinotti, engenheiro de águas e floresta
Amiens - France
cinotti.crp@wanadoo.fr

Carina de Araújo Cavalcanti, estudante de biologia
UEFS
Salvador/Bahia
carinacavalcanti@hotmail.com

Carlos Andrés Zelaya, economista agrícola
Cegucigalpa - Honduras
cazelaya@sdnhon.org.hn

Carlos Fuenzalida Fernandez, eng. florestal
Director Proyecto Protege
Santiago - Chile
carlosf@chile.com

Carolina Mancheno
Oficial de Cooperacion Internacional / Ministerio del Ambiente del Ecuador
Quito - Ecuador
cmanchen@ambiente.gov.ec

Cássio Garcez, psicólogo, especialista em educação ambiental
Projeto Ecoando
ecoando@hotmail.com
Niterói - Brasil

Christianne Godoy, eng. florestal, esp em Ecoturismo,
Prefeitura de Ribeirão Pires
São Paulo - Brasil

Cláudia Silva Teixeira, engenheira florestal
Niterói - RJ - Brasil
claudia@microlink.com.br

Claudio B. de A. Bohrer, eng florestal, MSc., PhD
Universidade Federal Fluminense - UFF
Niterói-RJ - Brasil

Cícero Leandro da Costa, dirigente político
Pirapozinho-SP- Brasil
ptcmacro@psnet.com.br

Ciro Guilherme Gentil Croce, eng. florestal
Centroflora-Anidro
Botucatu-SP - Brasil
ciro@anidro.com.br

Cristina Magnanini, bióloga
Prefeitura Municipal de Itatiaia
Itatiaia, Brasil
crismagnanini@yahoo.com

Daniel Oscar Veja, guarda florestal
Concepción - Tucumán - Argentina
pnalisos@intercom-tuc.com.ar

Dea Sousa Assis, pesquisadora
Embrapa - solos
Rio de Janeiro - Brasil
dea@cnps.embrapa.br

Diolina Moura Silva, bióloga
Universidade Federal do Espírito Santo / Programa de Pós-Graduação em
Biologia Vegetal
Vitória/Espírito Santo, Brasil
biologiavegetal@npd.ufes.br

Felipe Banãdos Munita, advogado
Associação de Municipalidades Projeto Protege
Santiago - Chile
felipeb@protege.cl

Felippe Valentim Alves, professor
São Paulo - SP

Geny F. Guimarães, professora de geografia / Educação Ambiental
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
genybr@hotmail.com

Gerhard Sardo, jornalista / ambientalista
Niterói - Brasil

Ginny Ng, Forest Conservation Officer
WWF Malaysia
Petaling Jaya - Malaysia

Graciela Sánchez Reiche, geógrafa
Asociación Ornitológica Cuenca del Puelo
Lago Puelo - Chubut - Argentina.
ignacio@red42.com.ar

Guilherme França
Fundação Matutu
Aiuruoca, Brasil
fundacao@matutu.org.br

Isabel de Andrade Pinto, bióloga
Parque Estadual Nova Baden
Lambari - Brasil
isabel@transmineral.com.br

Jacqueline Guerreiro Aguiar, professora
NEAD - Núcleo de Educação Ambiental Continuada e à Distância
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
jguerreiro@alternex.com.br

Javier Rodrigues Pardo
Movimento Antinuclear de Chubut (MACH) / Sistemas Ecológicos
Patagônicos (SEPA)
Chubut - Argentina
machsepa@hotmail.com

Joana P. Luiz da Costa, eng. Agrônoma
CPDA, UFRRJ
Rio de Janeiro - Brasil
joana@novanet.com.br

João Augusto Madeira, biólogo
Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ecologia da UFRJ
Rio de Janeiro - Brasil
jmadeira@biologia.ufrj.br

José Arthur Rocha Araújo
Cooperativa de Amigos para Reflorestamento - Florescer
Rio de Janeiro - Brasil
jaflorescer@hotmail.com

Julio F. Amaral
Idaco - Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária
Rio de Janeiro - Brasil
idaco@alternex.com.br

Karla Monteiro Matos,
ISER - Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento
Rio de Janeiro - RJ
karla@iser.org.br

Krishna Govinda Simpson. engenheiro agrônomo
Rio de Janeiro - Brasil
agrosimpson@yahoo.com

Lucy Ruiz M., antropóloga, assessora do Programa Bolsa Amazônia
Fundacion Ambiente y Sociedad.
Ecuador

Luciano Dalcol, professor de geografia,
Rio de Janeiro - Brasil

Luis Felipe Cesar, bacharel em comunicação e ambientalista
Crescente Fértil
Resende - Brasil
felipe@crescentefertil.org.br

Lusi Videla, antropólogo e Mestre em Educação Ambiental
Caracas - Venezuela

Malu Sierra
Defensores del Bosque Chileno
Chile
bosquech@entelchile.net

Marcus Azaziel
Rio de Janeiro, Brasil.

Miguel Angel Crespo
Productividad, Biósfera y Medio Ambiente - PROBIOMA
Santa Cruz - Bolivia
probioma@roble.scz.entelnet.bo

Mycle Schneider, international energy consultant and science journalist
WISE-Paris / Takagi Fund for Citizen Science, Tokyo
France
mycle@wise-paris.org

Olivier Ranke, engenheiro agrônomo
SCEA Ferme de la Bergerie
Fundacion Charles Leopold-Mayer - FPH
Paris - France
bergerie@fph.fr

Oralda Betânia Diniz, estudante do Curso de História
Brasília - DF - Brasil
oraldadiniz@yahoo.com.br

Paulo Cezar Mendes Ramos
Eng. Florestal Ph.D.
Brasília - Brasil
pramos@sede.ibama.gov.br

Paulo Manoel Lenz Cesar Protasio, administrador de empresas
Projeto Homem -Árvore
prot@sio.com.br

PROBIOMA - Productividad Biosfera Medio Ambiente
Córdoba - Argentina

Ricardo Arthur Pugialli Domingues, biólogo
Rio de Janeiro - Brasil
Ricardo Buitrón - Acción Ecológica
Quito-Ecuador

Ricardo Justi Rodrigues, Economista (especialista em Gestão Ambiental)
Instituto de Gestão Ambiental - INGÁ
Campinas - SP - Brasil
inga@matrix.com.br.

Rob Wheeler. educador ambiental
Global Peoples Assembly and a UN Representative for the International
Institute for Sustainable Future
New York - USA
robineagle@worldcitizen.org

Rocio Velandia
International Native Tradition Interchange Inc. (INTI Inc.)
New York - USA
intiinternational@hotmail.com

Rosa Virginia Suarez, Ms. Desenvolvimento Agrário
Santa Cruz/Bolívia
probioma@roble.scz.entelnet.bo

Rosângela Azevedo Corrêa, antropóloga
Universidade de Brasília
Brasília -DF - Brazil
roscorreia@bol.com.br

Ruben Pablos, educador ambiental
Proyecto de Restauración del Bosque Nativo Andino Patagónico
San Carlos de Bariloche - Argentina
viverodenativas@bariloche.com.ar

Sidharta
Pipal Tree
Grupo Geo-cultural Ásia-Pacífico
Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário
Índia

Tiago Santos, estudante de ed. física, montanhista
São Leopoldo-RS - Brasil
judeo@sinos.net

Estudantes da Escola Cruzeiro do Céu - Céu do Mapiá, Amazonas, Brasil

1. João Arruda Coutinho
2. João Mader Ferraz
3. Vitória-Régia Provenzano Zuloaga
4. Paula Palhares de Polari Alverga
5. Moara Facchini Barsé
6. Rafael de Lucena Paim
7. Iemanjá Laurentino Sales - adoro a floresta
8. Antonia Moraes da Silva - 22 anos
9. Draaú Rocha Lessa
10. Alcinete Paes do Nascimento
11. Iarumim Parente do Nascimento
12. I'ai Lin Lira da Silva
13. Veronica Castella Jamil
14. Francisca Átali de Souza Silva
15. Davi Alverga
16. Raimundo Bartolomeu ^a da S. J.
17. Antônio Francisco Maciel Lages
18. Francisco Andrei Melo de Oliveira
19. Sebastião Santos
20. Pedro Paes de Oliveira
21. Joel Pinheiro do Nascimento
22. Antônio Francisco Lucena Paim
23. João Francisco Zuloaga

REFERÊNCIAS PARA CONSULTA

PERLIN, John. História das Florestas

DEAN, Warren. A ferro e fogo

LAURENCE, Willian e BIERREGAARD, Richard. Tropical Forests Remnants

<http://www.whrc.org>,

<http://www.wri.org>,

<http://www.treesforlife.org.uk/>

<http://www.nativeforest.org/>

<http://www.nfn.org.au/>

<http://www.nativeforest.org/home.html>

<http://www.ran.org/>

<http://www.ancientforests.org/>

<http://www.gn.apc.org/forestpeoples/>

<http://www.alliance21.org/fr/themes/forests.htm>

<http://www.fao.org/forestry/Montes.asp#>

<http://www.foejapan.org/en/siberia/index.html>

<http://www.wwf.org>

<http://www.greenpeace.org>

<http://www.ifn.fr>

<http://www.forestsandcommunities.org>

<http://www.wrm.org.uy>

ANEXO

ALIANÇA POR UM MUNDO RESPONSÁVEL, PLURAL E SOLIDÁRIO CARTA DOS ALIADOS DA FLORESTA E GENTE DA TERRA

As terras e as florestas foram e são a base de sustentação de todas as civilizações. O crescimento dos grandes impérios e países foi realizado a partir dos recursos florestais, que se tornaram cada vez mais distantes e raros na mesma proporção em que as cidades cresciam.

Os países colonizadores impuseram as regras de ocupação das terras e pilharam as florestas em suas colônias e hoje os países do norte são os maiores consumidores de madeira das florestas tropicais. Além disso, poucas pessoas concentram a maior parte das terras, impedindo o acesso das famílias camponesas. As terras e as florestas são bens de uso comum e sua utilização de forma ambientalmente sustentável constitui direito de cidadania.

As florestas são conjunto e parte da constelação de seres vivos do mundo, sendo essenciais para a conservação da biodiversidade, da água, do solo, encantamento das paisagens e desenvolvimento da espiritualidade. É fundamental para a conservação das florestas incluir a participação, o conhecimento e a cultura de seus moradores tradicionais ou ancestrais, que devem ser integrados aos processos de uso sustentável e preservação da biodiversidade. Não é por coincidência que a região tropical abriga, simultaneamente, as maiores diversidades biológica e geo-cultural do planeta, que devem ser preservadas em suas plenitudes, pois são interdependentes.

A Aliança poderá apoiar e integrar intimamente todas as iniciativas de uso responsável e solidário das terras e florestas da seguinte forma:

- contribuindo para informar governos e cidadãos quanto aos seus diversos e intrínsecos valores;
- apoiando a realização da reforma e desenvolvimento agrários;
- apoiando o desenvolvimento da reforma urbana, potencializando o equilíbrio campo-cidade e entre os povos da terra;
- facilitando a obtenção de recursos para estas ações.

Anil Bhattarai, Nepal; Feroz-Ud-Din, Dehdarum, Índia; Guilherme de Melo França, Matutu, Brasil; Luis Felipe Lenz Cesar, Resende, Brasil; Márcia Freire, Matutu, Brasil; Rob Wheeler, Santa Cruz, USA; Rosenilde dos Santos Viana, Maranhão; Sain Bibi, Dehdarum, Índia; Samuel M. Kibedi, Iganga, Uganda; Simron Jit Singh, Dehdarum, Índia

Bertioga - SP, Brasil, dezembro de 1997.

A carta acima foi escrita durante o **Encontro Internacional da Aliança para um Mundo Responsável e Solidário**, em Bertioga, dezembro de 97, que reuniu cerca de 150 aliados de 50 países diferentes, quando formou-se o grupo **Aliados da Floresta e Gente da Terra**.

APOIO INSTITUCIONAL

Crescente Fértil - Resende / Fundación Charles Leopold-Mayer - Paris

Endereço: Praça do Centenário, 72, casa 1, Resende-RJ, Brasil

CEP 27511-130 - Telefax: (00 55 24) 3354 5896

E-mail: crescente.fertil@crescentefertil.org.br